



FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO
Decretos Estaduais n.º 9.843/66 e n.º 16.719/74 e Parecer CEE/MG n.º 99/93
UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES
Decreto Estadual n.º 40.229, de 29/12/1998
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

A FOLIA DE REIS NA CIDADE DE TRÊS CORAÇÕES:
Um estudo sobre cultura popular

DANISA CHAVES

**A FOLIA DE REIS NA CIDADE DE TRÊS CORAÇÕES:
Um estudo sobre cultura popular**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR como parte das exigências do Programa Mestrado em Letras (Linguagem, Cultura e Discurso), para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Aparecida Oliveira de Carvalho

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras (Linguagem, Cultura e Discurso) da Universidade Vale do Rio Verde, **UNINCOR**, como um dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

Área de concentração: Letras/Literatura
Linha de Pesquisa: Literatura e Cultura Popular.

Orientadora: Professora Dra. Maria Aparecida Oliveira de Carvalho.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Maria Aparecida Oliveira de Carvalho

Prof^ª. Dra. Ana Cláudia Romano Ribeiro

Prof. Dr. Alexandre Costa Rodrigues

Data do exame: 29/09/2011

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos Três Reis Magos do Oriente que todos
os anos peregrinam pelas ruas e casas
de Três Corações ao encontro do menino Jesus.

Aos meus pais, Martha Bandeira Chaves e Wilson Chaves
por sempre acreditarem e sempre estarem comigo
em todas as minhas escolhas e pela sabedoria e
amor com que iluminam meus momentos de trevas.

A todos os amigos e colegas que compartilharam,
que me ouviram, que entenderam minha ausência.

À Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR
pela concessão da bolsa de estudos.

Aos parentes que sempre me deram força me
reanimando quando tudo parecia difícil.

À Prof.^a Dr.^a, Maria Aparecida Carvalho,
pela dedicação, paciência e acima de tudo
por sua sensibilidade e humanidade.

Ao Prof.^o Dr.^o Luís Fernando Medeiros,
pelos ensinamentos, pela dedicação .

A todos os companheiros do mestrado
pela convivência e união.

A todas as Folias de Santos Reis que
acompanhamos pela simpatia e humildade
e boa vontade com que nos trataram.

**“Da minha aldeia vejo quando da terra se pode ver o Universo
Por isso a minha aldeia é grande como outra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura”**

**(primeira estrofe do poema, Minha Aldeia, Alberto Caeiro em
“ O Guardador de Rebanhos”).**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 - ASPECTOS GERAIS: FOLCLORE E CULTURA POPULAR.....	12
2 - A ORIGEM DA FOLIA DE REIS.....	27
2.1- Motivo da Festa: história do nascimento de Jesus	33
2.2 - Composição da Folia de Reis	35
2.3 - Folias de Reis em Três Corações	44
2.4 - Jornada da Fé.....	47
3 - Folia de Reis e sua relação com o mito.....	51
3.1- O ritual.....	53
3.2 – A Performance do Marungo : poesia e dança.....	54
4 - CONCLUSÃO	60
5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
APÊNDICE	64
ANEXOS	66

RESUMO

CHAVES, Danisa. Folia de Reis na cidade de Três Corações: um estudo sobre cultura popular na Festa de Reis. 2011, p.76 (Dissertação- Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde- UNICOR- Três Corações- MG.

A Folia de Reis é uma festa popular folclórica, que por meio da tradição e da memória oral, se mantém viva em seus costumes e crenças revelando a identidade cultural de um povo. O trabalho se desenvolve de maneira a apresentar nossa trajetória junto às Folias de Três Corações, acompanhando a forma como estes grupos transmitem esta herança cultural - trazida por portugueses e enriquecida por pitadas culturais oferecidas por índios e negros - enquanto caminham pelas ruas da cidade. Esta herança ancestral, suas danças, músicas e poesias serão mostradas ao leitor para que ele “experimente” o sabor *performático* desta festa que faz parte da história de Três Corações.

Palavras-chaves: Cultura Popular, Religiosidade, Folia de Reis, Devoção, Três Corações

ABSTRACT

CHAVES, Danisa. FOLIA DE REIS: a study about the popular culture in the Festa de Reis. 2011, p.76 (Dissertation- Master in Languages). Vale do Rio Verde University- UNICOR- Três Corações- MG.

The Folia de Reis is a popular folk fest on which, through the tradition and oral memory, is kept alive in its costumes and beliefs revealing the cultural identity of a people. The work is developed presenting our journey along with the folias of Tres Coracoes city, how these groups transmit along the streets the cultural inheritance brought by the Portugueses and left by their ancestors, presenting their dance, music, poetry, showing the reader how these communities perform these fest in our city.

Key-words: Popular Culture, Folia de Reis, Três Corações.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre cultura popular na cidade de Três Corações, localizada no sul de Minas Gerais. Para tanto, a fonte principal de nossa pesquisa será a Folia de Reis, tratada aqui não só como sendo uma festa religiosa, mas principalmente como uma expressão artística da cultura popular brasileira e a mais forte manifestação cultural\folclórica da cidade. Nossa pesquisa se apresentará de forma a identificar a festa realizada nos dias de hoje unida à tradição.

Juliana de Vasconcelos nos mostra em sua tese sobre o Congado, uma festa de “motivação africana” (Vasconcelos, 2007, p.18), que encena a coroação do Rei Congo e da Rainha Niznga (esta festa presta homenagens a santos católicos como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito) que o mito explica de forma sagrada a origem do mundo e, a partir disso, a realidade humana. Neste contexto se encontram tais folguedos. Estas festas comemoram acontecimentos e datas de forma ritualística, com danças, músicas, rezas que, seguindo os exemplos de santos ou heróis - considerados criaturas sagradas que promovem o equilíbrio por meio de seus poderes sobrenaturais - motivam os homens a seguir seus exemplos e a representá-los de diversas formas. A Folia de Reis é um Auto que “imita”, a viagem feita pelos três Reis Magos ao encontro do Menino Jesus. O início deste ritual é realizado no dia de Natal, onde todas as folias existentes saem pelos bairros da cidade. Em seis de janeiro, o dia comemorativo de Santos Reis, encerra-se a jornada dos foliões e a entrega das promessas feitas pelos devotos.

O Marungo, um dos personagens mais curiosos da festa, será um dos alvos de nossas investigações, pois é se quem realiza a performance dentro da Folia, podendo ser tratado por vários nomes, tais como: “Bastião” e “Palhaço”. Dentro das Folias eles são tratados por Bastião, mas adotaremos aqui o uso do termo Marungo, uma vez que este é o nome mais conhecido pela população tricordiana.

A partir do estudo destes elementos é que marcaremos a presença desta festa como parte da identidade de uma comunidade. Sendo assim, é de fundamental importância para nossa pesquisa que abordemos questões como o folclore e a cultura popular.

O primeiro capítulo da pesquisa é voltado para o aspecto geral das discussões sobre folclore e cultura popular, passando rapidamente pela cultura erudita. Recorreremos principalmente, nesse primeiro momento, a autores brasileiros. Não com o intuito de conceituar tais temas, mas para localizar e marcar a presença da Folia de Reis dentro de tais teorias.

O segundo capítulo se desenvolverá de forma a apresentar a Folia de Reis em um caráter mais amplo e detalhado, explicando sua origem, sua história, sua atualização e sua recriação até a forma com que ela se manifesta atualmente na cidade de Três Corações. Para atingir este objetivo contamos com a participação de três Folias que permitiram uma pesquisa de campo, autorizando-nos a acompanhá-las em suas jornadas. As três Folias pesquisadas *in loco* foram: Nossa Senhora das Graças, União dos Companheiros e Folia de Reis do Gringo. Para ilustrar a caminhada das Folias, apresentaremos o documentário: **Terra de Reis**, realizado por uma equipe de Belo Horizonte em parceria com uma equipe de Três Corações. A duração do filme é de aproximadamente uma hora. Esse documentário conta com a participação das três Folias de Reis, alvo de nossas investigações e depoimentos de foliões, devotos e pessoas da comunidade, no quais detectou-se um rico material ilustrativo para a pesquisa que reforçarão os argumentos apresentados nesta dissertação, tornando ainda mais evidente o fator artístico e de identidade cultural que a Folia de Reis possui e exerce em Três Corações.

Nas histórias contadas pelos habitantes da cidade e na descrição de seus personagens veremos o papel que cada um cumpre dentro de uma companhia, quais são os instrumentos que sonorizam essa dança dramática, sua importância e, principalmente, os caminhos percorridos por esta festa até chegar ao seu desenho atual.

No terceiro capítulo falaremos, sobre o mito, sobre o ritual da Folia de Reis, sobre o desempenho do Marungo pelas ruas da cidade e sobre a realização da festa em si.

O desenvolvimento do assunto será apoiado em autores ainda pouco conhecidos, mas amantes e detentores do conhecimento desta celebração, como: Oswaldo Giovannini Júnior, Francisco Garbos, entre outros e seu embasamento teórico será construído sobre os estudos de Paul Zumthor que, em uma de suas obras, chama-nos a atenção para questões que envolvem voz, música e dança. É a partir dos estudos da cultura popular, do folclore e das ações *performáticas* dentro da Folia de Reis que constituiremos o nosso trabalho.

Esta pesquisa apresenta-se-a de forma a marcar a identidade cultural regional da cidade de Três Corações, através de estudos feitos com as companhias das Folias já mencionadas, que expressam sua fé e religiosidade a partir da dança, da música, do canto e dos versos em um festejo que está intimamente ligado à tradição, conservando o passado ao mesmo tempo em que é modificado pelo presente, que interfere na forma, mas não atinge a essência da celebração.

O que primeiro motiva à escolha deste assunto é o cunho emocional, ligado às lembranças de infância, ao medo do marungo e ao sentimento que a música e o canto exercem sobre todos nós.

O outro agente provocador deste trabalho é à possibilidade de resgatar a cultura em Três Corações e mostrar a força da tradição de uma identidade cultural regional. Estudar, através das Companhias, os rituais como sendo uma manifestação cultural e como patrimônio artístico-histórico, será uma oportunidade única.

É importante constar que à medida que nos aprofundarmos nas pesquisas, surgirão alguns questionamentos, tais como: O que leva uma tradição a se tornar uma manifestação cultural? Onde se encontra o “local que cultua” esta tradição em Três Corações? Quais os elementos envolvidos na manifestação?

Para esclarecer tais questionamentos investigaremos de maneira criteriosa a cultura, a Folia de Reis, o folclore em fontes da literatura e da antropologia, calcadas em abordagens de autores como: Segismundo Carlos Rodrigues Brandão, Rossine Tavares de Lima, Câmara Cascudo, entre outros pesquisadores, que surgiram ao longo do processo.

A pesquisa de campo se realizará através de entrevistas com foliões, juntamente com relatos feitos por moradores da cidade, expondo suas opiniões acerca do assunto e a importância que a Folia de Reis tem para eles e para Três Corações.

Para dar materialidade à pesquisa, as entrevistas serão reproduzidas por meio de audiovisual, em um documentário que estará presente no corpo do anexo.

E assim, esperamos que esta pesquisa ressoe como as caixas, triângulos e sanfonas nas ruas de Três Corações, anunciando a chegada da Folia de Reis no conhecimento geral.

1 - ASPECTOS GERAIS: FOLCLORE E CULTURA POPULAR

Qualquer que seja o tipo de mundo social onde exista, o folclore é sempre uma fala. É uma linguagem que o uso torna coletiva. O folclore são símbolos. Através dele as pessoas dizem que querem dizer. A mulher poteira que desenha flores no pote de barro que queima no forno do quintal sabe disso. Potes servem para guardar água, mas, flores no pote servem para guardar símbolos. Servem para guardar a memória de quem fez, de quem bebe a água e de quem, vendo as flores, lembra de onde veio. E quem é. Por isso há potes com flores, Folias de Santos Reis e flores bordadas em saias de camponesas (Brandão, 1984, p. 107).

A Folia de Reis é tida como uma festa folclórica, uma das muitas manifestações da cultura popular brasileira.

Não poderíamos adentrar neste universo sem conhecer, mesmo que de forma simples, o que nos traz o termo folclore. Define Cascudo¹, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que: “É a cultura do popular tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional”. Uma carta escrita pelo inglês William John Thoms², publicada na revista *The Atheneum*, em Londres, 1856, faz surgir pela primeira vez o vocábulo que define folclore (folk = povo; lore = saber) como sendo o “saber do povo”. Em 1878, um grupo de pesquisadores fundou a Sociedade do Folclore, com sede na Inglaterra. Formada por filósofos, sociólogos, antropólogos, entre outros interessados em estudar os sistemas populares de crenças, costumes e tradições e questões referentes a formas de linguagens populares. Dentro desse conceito, a Folia de Reis é o amalgamento, a fusão, o hibridismo que nasce da História de europeus, índios, negros e mestiços que dão forma ao termo. O que era uma cultura genuína rompe-se quando o europeu acultura índios e negros, implantando seu próprio modelo cultural e de organização social, havendo uma permuta entre esses povos. Índios e negros perdem parte de sua posição no plano social, cultural e na identidade nacionalista, mas ganham originalidade através de negociações, reorganizações, resistência e *re*-existência que mantêm seus costumes e tradições, em meio a imposições traçadas por seus colonizadores. A partir desta abertura (negociação e reorganização), preserva-se e marca-se algo que chamamos de identidade. Da resistência surge uma nova identidade cultural no Brasil, formada por características peculiares, ímpares e originais.

Da interação desses grupos, elementos constitutivos de um povo são modificados, como língua, dança, música, religião e literatura oral. Através desta mudança e interação há uma abertura, com a integração desses elementos, um fenômeno polifônico, o eco de todas essas vozes e desse passado histórico cultural que molda o folclore e a cultura. Uma cultura que o compõe e que não é possuidora de um centro, nem de uma forma fixa, por ser mutável, por estar sempre se renovando e se reinventando, não passando por processos de cristalização, sempre em contínuo movimento. Mas, a este assunto daremos destaque no decorrer do trabalho. Sendo assim, percebemos que o folclore é uma ciência de acolhimento, que acompanha as mudanças do homem e, ao mesmo tempo, permanece com ele neste amálgama de influências. Os fenômenos folclóricos correspondem a uma realidade dinâmica que se adapta sempre que necessário às novas formas adquiridas pela sociedade. Assim, informa-nos Arantes:

¹ Dicionário do Folclore Brasileiro, Câmara Cascudo, 1954, p.400.

² Brandão, Carlos Rodrigues op. cit, 1984, p. 26 e 27.

Embora se preocupe em ser fiel à “tradição”, ao “passado”, é impossível deixar de agregar novos significados e conotações ao que se tenta reconstruir. (ARANTES, Antônio Augusto, 1988, p. 18).

Brandão, em seu livro *O que é Folclore*, através de uma citação de Barbeu, nos esclarece que folclore é a soma dos ensinamentos passados de geração a geração, que sempre se mantém vivos, remodelados e reinventados de acordo com o jeito particular de cada um ou que cada grupo possui de se expressar.

Sempre que se cante a uma criança cantiga de ninar, sempre que se use uma canção, uma adivinha, uma parlenda, uma rima de cantar, no quarto das crianças ou na escola, sempre que ditos, provérbios, fábulas, histórias bobas e contos populares sejam reapresentados; sempre que, por hábito ou inclinação, a gente se entregue a canto e danças, a jogos antigos, a folguedos, para marcar a passagem do ano e as festividades usuais, sempre que uma mãe ensina a filha a costurar, tricotar, fiar, tecer, bordar, fazer uma coberta, trançar um cinto, assar uma torta à moda antiga; sempre que um profissional da aldeia (...) adestre seu aprendiz no uso de um instrumento e lhe mostre como fazer um encaixe e um tarugo para uma junta, como levantar uma casa ou celeiro de madeira, como encordoar um sapato-raqueta de andar na neve (...) aí veremos o folclore em seu próprio domínio, sempre em ação, vivo em seu caminho (BARBEU, apud, BRANDÃO, 1984, p. 22).

Durante o VIII Congresso Brasileiro de Estudos Folclóricos, realizado em 1995, o folclore foi conceituado como sendo: “O conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseada nas tradições expressas, individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social”. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade.

Arantes³ nos explica que é impossível deixar de agregar novos significados e conotações à cultura\folclore e é impossível o abandono total da tradição, pois nela se encontra o passado que constitui a história cultural destes grupos. A tradição é um dos elementos cruciais para a constituição dos fenômenos folclóricos e hoje é entendida como a continuidade de um passado que adere a novas formas, se reorganiza e sofre mudanças à medida que a “tradição” é passada de geração em geração, conservando aspectos dos “costumes⁴”, através das histórias contadas por seus ancestrais e remodeladas pela contemporaneidade. Então, para Arantes: “Folclore é um processo dinâmico; de transformações (positivas) que ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir a sua “deterioração”.

³ O que é Cultura Popular - ARANTES, Antônio Augusto, 1988, 21.

⁴ Costume - Hábito comum aos membros de grupos sociais. Resulta das práticas de preservar as ideias e ações, de geração a geração. Os costumes variam de um lugar para o outro de um grupo para o outro. Variam também através da história de um mesmo grupo.

Além de a tradição ser um elemento que age de forma a combater a “deterioração”, ela possui como característica a persistência, baseada na construção da identidade destes grupos. Portanto, este fator duradouro que compõe o folclore, age de maneira contributiva para perpetuação deste fenômeno e no combate ao esquecimento da identidade da comunidade que o pratica. O que se cria e se recria, incorpora-se aos costumes destes indivíduos, sendo passados para novas gerações, que o transformam e o transmitem para gerações futuras. Este legado, em comunhão com as datas de Chegada e Saída das Festas de Santos Reis, é um dos traços mais fortes e evidentes da presença da tradição nestes festejos. Essa “persistência no passado” conserva aspectos fundamentais, tais como as datas e age de forma a impedir que a festa (a dança, a música e a poesia oral) se dissipe, sendo esse um elemento permanente que determina e age no inconsciente coletivo, de modo que a população de uma determinada comunidade registre e traga, na memória, os acontecimentos para suas vidas. Ora, vejamos a Festa Junina, a Festa do Divino ou até mesmo a Folia de Reis, que não poderiam ser atingidas ou modificadas em suas datas ou em seus motivos religiosos, posto que já se criou certa tradição e mudar estas datas, mudar estes motivos religiosos, seria descaracterizar tais manifestações, impedindo que os próprios foliões e a população se reconheçam nelas.

A tradição, de certa forma, é o campo que resistiu e resiste, não no sentido de se limitar ou se fechar ao novo, mas como identificadora, que é fundamental para uma determinada comunidade. Nas festas folclóricas do Brasil, os motivos que levam à celebração não mudam e a maneira de celebrar, de certa forma, continua sendo a mesma. O que se modifica é o entorno, a periferia. Entendemos que a tradição não se altera no decorrer dos anos, mas se estende ao longo deles.

Vejamos o motivo pelo qual a Folia de Reis é celebrada, desde o século XVI. A festa é realizada para comemorar o nascimento do Menino Jesus, sendo sempre uma representação da viagem dos três Reis Magos ao seu encontro. À medida que os anos foram se passando, estas festas foram se reinventando e ganhando características próprias de cada região. O acolhimento da população a essas mudanças é fundamental para a continuidade da festa, visto que hoje as necessidades são outras e, como já expusemos, o folclore representa a necessidade\identidade social que o homem tem de externar suas crenças e costumes de maneira material. Esta exteriorização é feita através de representações, imitações meio à realidade em que vivem. Logo, suas formas de festejar também se modificam na medida em que sua realidade muda.

Todavia, acreditamos que a tradição é um lugar especial nos palcos de choques e tensões entre realidade e celebração. A tradição não resiste ao evolucionismo e nem a

processos naturais de mudança, mas, como já foi dito, ela se une aos elementos da contemporaneidade, tornando-os diversos e variados aos olhos de um grande público apreciador. A tradição não é um centro cristalizado, ela está suscetível e aberta a mudanças que a tornam cada vez mais dinâmica, mas conservando, de certa forma, os costumes e saberes populares que, a princípio, aparentam resistência a novas formas do existir e apego ao passado. Deduzimos, então, que tradição é o motivo, a essência, um modo de resistência à deterioração das manifestações populares, de forma mantenedora e demarcadora, porém aberta às novas possibilidades da modernidade.

Quanto à história oral, podemos dizer que é um dos elementos essenciais para a propagação das festas folclóricas, interligada à tradição que, consideramos aqui, como forma fixa, no sentido de que, a partir dela, se repetem os mesmos eventos ao longo do tempo, sofrendo influências das constantes mutações ao seu redor. Dela fazem parte elementos dinâmicos traçados e marcados pela língua\história, que agem de forma a transformar sem desfazer a essência. Um exemplo mais claro de todo o exposto até agora são as cantigas de roda que aprendemos com nossos pais e avós. Cantamos de acordo com o que ouvimos, repetimos as letras e as melodias como elas nos foram passadas. Em outras regiões, entretanto, a mesma cantiga é cantada de forma diferente, sofrendo grandes ou pequenas variações de acordo com a realidade e maneira que cada um vive. Assim, apesar desta absorção dos saberes que lhes são passados e da utilização diversa, as canções não deixam de ser as cantigas de roda tradicionais.

Quando estudamos e vivemos as questões folclóricas\ culturais, não devemos considerar o certo ou o errado nos modos de cantar e falar, uma vez que tudo é movimento. Se estes fenômenos são considerados parte da realidade da língua e do saber de um grupo, comunidade, povo, o que muda é a forma. O preceito e a tradição continuam sendo os mesmos. Tal como nos informa Brandão: “Com o tempo a memória oral, que é o caminho por onde flui o saber do folclore, esqueceu autorias modificou elementos de origens e retraduziu tudo como um conhecimento coletivo, popular” (BRANDÃO, 1984, 34). A partir da história oral, os fenômenos folclóricos se coletivizam na medida em que estas histórias vão sendo contadas e repassadas ao povo, que as “aceitam” como “verdades”, difundindo-as e estendendo-as à realidade de suas vidas. Através da fé, da realização de uma promessa alcançada - passada a alguém que, no ano seguinte, também faz uma promessa e se torna um devoto; através de cantigas de ninar para embalar o filho de alguém que um dia também dormiu ao embalo da mesma cantiga, sem saber quem as criou; os fenômenos folclóricos seguem adiante.

O povo, aceitando o fato, toma o para si, considerando-o como seu, e o modifica e o transforma, dando origem a inúmeras variantes, Assim, uma estória é contada de várias maneiras, uma cantiga tem trechos diferentes na melodia, os acontecimentos são alterados e próprio povo diz: 'quem conta um conto, acrescenta um ponto'. A mesma coisa acontece com danças, o teatro, as técnicas. Tudo pode ser modificado, porque o povo dança, mas suas danças não têm regulamentos não são codificadas: tanto pode o conjunto de dançadores dar três voltas complexas, como apenas uma; a indumentária tanto pode ser rica e colorida como simples e ingênua. Há, contudo, uma certa estrutura que determinamos aquela estória, aquela indumentária, aquela cerâmica e as modificações não invalidam o modelo (RIBEIRO, apud, BRANDÃO, 1984, p.37).

A maioria dos autores considera o folclore, como um conjunto de práticas, manifestações e concepções tradicionais. Para Arantes⁵ considerar o folclore como sinônimo de tradição “é reafirmar constantemente a idéia de que a sua idade de ouro deu-se no passado”. Mas, como já foi elucidado, a tradição ganhou um caráter amplo e mais flexível, agregando novas características ao folclore, desvinculando-o da idéia de que é de tradição intocada e fixa que a cultura popular se constitui. O “tradicional” se contrapõe ao que é dinâmico, ao que se movimenta e sofre mutações. Por isso essa evolução, constante e inevitável das manifestações folclóricas, não admite que pensemos que o folclore esta ligado tão somente a acontecimentos passados. Imaginemos que a tradição seja como um novelo de lã que se estende, estende, estende. Deste longo e interminável novelo, faremos uma blusa, com infinitos pontos, acrescentando rendas, outros bordados, babados, que vestirá várias pessoas de uma casa, de uma comunidade, de um grupo e, à medida que a blusa vai envelhecendo, as pessoas que dela fazem uso, introduzem uma nova fita, outra cor e modelo de linha com o objetivo de mantê-la sempre nova para poder servir de abrigo ao povo que a utiliza e que a veste.

O folclore, portanto, passa a ser além dos costumes tradicionais unido a heranças orais, uma forma de viver através dos saberes populares, ligados a aspectos sociais que, normalmente, conceituam “popular” como sendo um produto das camadas inferiores da sociedade, mas que por conta desta aceitação coletiva, que inclui o “povo” e o erudito, atua de maneira universal. O povo, pela representação e reprodução material de seus saberes e o erudito por estudar, investigar o povo, o material criado por ele e seus saberes, que fazem parte de toda uma gama social – uma vez que quando se trata de “valores,” como superstições, provérbios, credices, e até mesmo as lendas estudadas nas escolas; que as brincadeiras de roda, o canto das músicas que fazem parte do nosso folclore - a ponte que segrega tais conceitos se torna “uma diferenciação de grau social”. Melhor explicando, em

⁵ ARANTES, 1988, p. 17.

uma sociedade todos acabam compartilhando das mesmas “opiniões” culturais. Por várias vezes escutamos as pessoas dizerem que no dia seis de janeiro, data comemorativa dos Santos Reis e dia do encerramento da jornada das Companhias de Reis, cessaria também a chuva que acompanhou nossa caminhada. Essa superstição foi acolhida não só pelos foliões e apreciadores da festa, mas também por pessoas alheias a Folia em si, mas não à tradição oral proclamada por ela. Um fato que aconteceu em nossas caminhadas e que ilustra essa miscigenação sócio-cultural, foi a presença de uma figura ilustre dentro das Companhias de Reis de Três Corações: o vereador “Marcelo da CEMIG” que ocupa uma posição, digamos, “superior”, fazendo parte da elite tricordiana. O vereador, componente da folia, **Companhia de Reis Sobrinhos do Mariano**, se declara muito devoto e feliz por poder tocar sanfona na companhia, pois desde criança seguia seu avô e sua folia pelas áreas rurais da cidade. A festa da folia é realizada em sua maioria por pessoas humildes, habitantes da periferia e dos bairros de Três Corações, onde nossos estudos se concentraram. Ao acompanharmos as festas percebemos que tanto as famílias de baixa renda como a população mais abastada, em menor escala, recebiam em suas casas as Companhias de Reis, ambas com grande fervor e devoção. Percebe-se então, que há uma mistura entre classes, sem uma segregação rigorosa que impeça que pessoas de diversos níveis sociais participem das Falias de Reis.

Brandão⁶, para explicar estas distinções usa de recursos imagéticos e nos traz a compreensão de alguns elementos, considerados pelos folcloristas, como fundamentais na determinação de fatos folclóricos. Diz ele que:

Em cima de sua mesa imagine três livros, três discos e três pratos de comida. Um prato contém uma refinada salada mista, o outro, feijão com arroz e bife acebolado e o terceiro, uma porção de “pato no tucupi”. Um disco é da cirandas e cirandinhas de Heitor Villa-Lobos, o outro, de sambas de Martinho da Vila e o terceiro, um disco de anônimos e tradicionais modinhas infantis do norte de Minas. O primeiro livro é Sagarana, de João Guimarães Rosa, o segundo o Cante Lá que Eu Canto Cá, de Patativa do Assaré, e o terceiro uma coletânea de mitos e lendas do Rio Grande do Sul. Se a mesa e coisas existirem de fato diante de você, leitor, ali tudo que há são produtos da cultura: coisas da natureza transformadas pelo trabalho do homem sobre ela e significadas através do trabalho que o homem faz sobre si mesmo. São construções sobre objetos, sons, símbolos e significados. No entanto algumas pessoas poderiam dizer que o prato com a salada mista, o livro com o conto de Guimarães Rosa, e disco de Villa-Lobos são partes da cultura erudita; feijão com arroz e o bife acebolado, os poemas de Patativa do Assaré e os sambas de Martinho da Vila são expressões da cultura popular; pato no tucupi e mitos do Rio Grande do Sul, e o disco das crianças do norte de Minas são folclore. Essa divisão simples pode ser um tanto complicada. Martinho da Vila pode ter incluído no disco, tanto sambas seus, assinados, quanto um ou dois de partido alto, anônimos pedidos na memória do tempo e achados na Clementina de Jesus. Villa-Lobos colocou no seu piano erudito

⁶ BRANDÃO, 1984, p. 28.

modinhas que as crianças do povo cantam nas rodas de rua e ninguém sabe de quem são. (BRANDÃO, 1984, p. 32 e33).

Conta-nos Brandão que quando os estudos sobre os fenômenos folclóricos foram iniciados, alguns pesquisadores sugeriram que se utilizasse a palavra folclore em minúsculo para o povo que o praticava e em maiúsculo, o termo Folclore, seria utilizado para os estudos da classe formada por sábios eruditos que pesquisava o saber popular. O folclore estaria, então, em contraposição com a cultura, praticando uma posição filosófica, literária e “incubada”, no sentido de que se restringe a determinada classe ou que sela a classe dos intelectuais. Outro fator de grande importância, que reforça essa fronteira entre o erudito e o popular, são as posições sociais e econômicas, sendo elas questões de grande valia para identificar o campo cultural sondado por nós. O sociólogo Florestan Fernandes, elucida bem o fato quando expõe em seu livro, *Folclore em Questão*:

A diferença sensível entre o “culto” e o “inculto” está muitas vezes nas formas novas com que expressam as suas credices antigas, em outras palavras: o “culto” racionaliza as suas “credices” e os costumes antigos, sem o abandono definitivo (FERNANDES, 1978, p.44).

Voltamos ao que foi dito anteriormente: algo ficou registrado, em determinado momento, no inconsciente destas pessoas, o que passa a ser também uma questão de identidade. Como vimos, o folclore está para além do racional, o “culto” utiliza a parte funcional, de forma racionalizada, desse fenômeno, sem sentir ou perceber que o folclore inevitavelmente faz parte da vida de todos nós. Quando embalamos as crianças com cantigas de ninar, cujo autor é desconhecido ou quando escutamos *Duerme Negrito*⁷ na voz de Mercedes Sosa, ou com Villa-Lobos em seu piano erudito, tocando as cirandas cantadas por crianças nas ruas, vivemos o folclore. Sendo assim Brandão nos mostra:

Mas, de um ponto de vista mais dinâmico, o folclore pode abrir-se a campos mais amplos da cultura popular (a cultura feita e praticada no cotidiano e nos momentos cerimoniais da vida do povo, ou dos diferentes povos que há no povo) e incorpora aquilo que sendo ainda de um autor conhecido, já foi coletivizado incluindo no “vivido e pensado” do povo, às vezes até de todos nós, gente “erudita” cuja vida e pensamentos, no entanto, tão profundamente mergulhados nesse ancestral anônimo que nos invade o mundo de crenças, saberes, falares e modos (BRANDÃO, 1984, p. 35 e 36).

Para os pesquisadores, essas manifestações culturais vistas como tradicionais são resíduos da cultura “cultura” de outros tempos, filtrados pelas sucessivas estratificações das camadas sociais. Seguindo esta linha de pensamento, sem, no entanto nos posicionarmos

⁷ Duerme Negrito- Canção Folclórica de origem cubana.

dentro dela, o que na tradição acreditava-se ser uma forma de resistência, muda de perspectiva, conduzindo-nos a pensar de outra maneira. Ou seja, a tradição se desvincula da resistência de um povo oprimido, que sofreu transformações e mutações em suas crenças e superstições. Tradição seria então, a conservação de algum aspecto destas manifestações, associada a mudanças naturais da sociedade e resistência seria o acompanhamento evolutivo e consciente do homem diante da sociedade que o cerca. Como consequência desse processo evolutivo, a cultura popular sofre constantes modificações em seus objetos e resistências, com o consentimento e acolhimento destas recriações. Sendo assim, a resistência é tão somente uma tentativa de reproduzir o que era realizado no passado, mas com o acolhimento das inevitáveis mudanças que se dão no presente. Mudanças que podem ser vistas nas vestimentas, na utilização de novos instrumentos e, no caso da Folia, na composição das músicas e no comportamento dos marungos que realizam saltos mortais ao invés do Corta-Jaca, dança que marca as festas de Reis. Brandão nos esclarece isto quando explica que:

Quando se dizia no passado de modo mais restrito e quando se diz até hoje, de modo menos rigoroso, que o folclore tem a ver com as tradições populares, não raro se cai na armadilha de imaginá-lo como pura sobrevivência intocada. Como a descida do “erudito” para o “popular” de algo que foi criado e dinâmico em seus lugares sociais de origem e que, tornado “popular” por uma espécie de decadência cultural na passagem de uma classe à outra, tornou-se “sobrevivência”, resquício de culturas paradas no tempo (BRANDÃO, 1984, p. 38).

Mas, o que houve não foi uma descida do erudito para o popular; a questão da sobrevivência não se ampara nesta pseudo-decadência, não se localiza na cultura erudita que foi passada aos povos colonizados. A questão é mais ampla. A sobrevivência de que tratamos está calcada no fato de que estes povos tomaram para si os ensinamentos trazidos pelos colonizadores\jesuítas e a partir de uma releitura, mesclaram tais ensinamentos com suas realidades, de acordo com o ambiente que habitavam. Esta mescla, unida às lembranças de sua pátria (no caso dos negros) e suas práticas religiosas e culturais, permitiu a sobrevivência. O folclore persiste, persevera, através das características nele contidas, sem o esforço de resistir, posto que isto já aconteceu. Ele sobreviveu, foi difundido e agora existe em cada rendeira, em cada doceira, em cada maracatu, em cada lenda, em cada Folia, em cada folião, em cada uma das pessoas que recebe uma bandeira em sua casa, em cada promessa feita, em cada provérbio dito e em cada indivíduo que se interessa por estudar/viver estas manifestações. Conclui-se, então, que o Folclore e a Cultura Popular inovam, recriam, unem, modificam, se adaptam, pois se não dá para ser de um jeito será de outro: se a máscara não pode ser de pano usa-se o papelão; se o mastro da bandeira quebrou, o cabo da vassoura a

ampara. E, apesar de todas as diferenças, a essência permanece igual, inalterada, porque mudam as vestes, acrescentam um novo passo a suas danças, permitem que pesquisadores se tornem bandeireiros ou alferes e aceitam que marungos, mestres e devotos sejam excelentes professores para pretensos mestres acadêmicos, numa clara demonstração da boa e essencial solidariedade humanista, recheada de adaptabilidade amorosa. Folclore é isto: uma receita que reúne na mesma medida coisas novas e velhas, com algumas pitadas de mudança, que não altera a forma de misturar crianças, jovens, adultos e idosos para celebrar, celebrar e celebrar! Brandão nos apresenta estas formas transformadas, reinventadas e conservadas, “todas juntas e misturadas”, a partir de um exemplo das Folias do Rio de Janeiro.

Algumas das mais bonitas Folias de Reis do Rio de Janeiro estão no morro da Mangueira. Provavelmente terão conseguido preservar até hoje este ritual camponês em plena favela. Como as condições de “giro da Folia” (a jornada de 7 ou 13 dias, de casa em casa, saudando pessoas, pedindo esmolas para a “Festa de Santos Reis” e distribuindo bênçãos na cidade são muito diferentes das condições do meio rural, por certo várias modificações terão sido introduzidas neste antiquíssimo rito religioso popular do Ciclo de Natal. Modificado persistente, ele se preserva como um fato folclórico para nós, como uma devoção religiosa para seus praticantes. “Foliões” e “palhaços” podem também ser membros de algumas alas da “Escolas de Samba Estação Primeira de Mangueira”. Outros farão parte das rodas noturnas de samba do “partido alto”, Os mais moços serão entusiasmados torcedores de alguma “torcida organizada” do Flamengo. “Foliões, sambistas, partideiros e torcedores são sujeitos atores de diferentes grupos da cultura do morro de Mangueira. De sua cultura profana e religiosa tradicional e recente. Serão sempre produtores de formas culturais criadas ali, e difundidas, e aprendidas, então incorporadas à vida e aos rituais coletivos. (BRANDÃO, 1984, p. 44 e 43).

Sua funcionalidade é tão ampla que não se limita somente aos indivíduos que à celebram, realizam e vivem os fenômenos folclóricos. A todos nós o folclore serve, quando enfeitamos nossa casa com uma toalha de renda feita lá em Natal, cujo nome da autora ou do autor permanece anônimo, ou quando comemos aquele doce de banana de Minas Gerais que a tia trouxe de uma viagem, ou quando “eruditos”, “cultos”, “refinados” estudam seus fenômenos e suas formas as tornado universais.

Usaremos de recursos imaginários para elucidar o conceito sobredito. “Uma família tem o costume de se reunir todo o primeiro domingo de cada mês para almoçar. O prato principal é a macarronada, receita antiga vinda da Itália e passada de geração em geração para as mulheres que fazem parte desta família. Antes, as reuniões eram realizadas entre pais, filhos e netos. Com o passar do tempo, no processo natural da vida, esta família tipicamente italiana foi ganhando novos membros. Chegou a esposa do neto mais velho e mais tarde o primeiro filho do casal; a neta, que trouxe seu namorado negro para os almoços. A família do namorado é, então, convidada para se apresentar formalmente durante o ritual do primeiro domingo do mês. Junto com a família do namorado, vieram ingredientes novos, herança de

seus ancestrais africanos, que complementaram e enriqueceram a tradicional macarronada. Os novos ingredientes, acrescentados à receita tradicional, alteraram o sabor, mas não descaracterizaram a massa em si. O macarrão permanece, porém, agora, com um tempero a mais e um número maior de membros para a celebração do domingo”.

Levando em consideração o exemplo acima, a Folia de Reis pode ser considerada como o prolongamento de uma celebração católica trazida pelos portugueses, remodelada por índios e negros, recriada e transformada no decorrer dos anos pelos filhos, netos, bisnetos e tataranetos deles.

Em nossos estudos adotaremos a tradição, que acarreta este prolongamento, a fim de conservar a essência. Na outra margem, estará a contemporaneidade, na qual se localiza a periferia, unida às mesmas manifestações artísticas, que geram as transformações como, originalidade e “re-existência”. Este raciocínio, que a princípio nos parece um tanto complicado e confuso, é o palco onde acontecem as tensões e choques que circundam a cultura, sendo este palco o “lugar - entre” o “entre - lugar”, e que ilumina um dos questionamentos contidos neste estudo.

Lidar com a cultura é estar na “fronteira viva”, ou seja, é se colocar dentro de um espaço em movimento, lidando com a impossibilidade de visualizar uma margem determinada. Para que possamos marcar suas divisões, acreditamos e ousamos dizer que não há uma fronteira específica entre folclore e cultura popular, visto que este “ponto onde algo termina” foi transposto e se fundiu. A cultura e o folclore passam a existir um no outro. A presença da cultura popular implica em aspectos folclóricos e a mesma se realiza com o folclore. Como Brandão nos fala: “O folclore é, leitor, um “instante fugaz” da vida dos homens e de suas sociedades através da cultura, Tudo nele é relação e tudo se articula com outras coisas da cultura” (BRANDÃO, 1984, p. 87).

Novamente ousamos dizer que o folclore é uma forma de tolerância e abertura a várias formas de culturas que se transformaram e se transculturalizaram. Todavia, em se tratando de cultura-erudita/ cultura popular/folclore, observamos que há uma fronteira entre tais conceitos, posto estarem posicionados em diferentes camadas sociais, nos levando a pensar na seguinte questão: tudo que é tido como folclore faz parte do campo de estudo da cultura popular brasileira, pois este é responsável por pesquisar e analisar tudo que advém do “povo” ou das “camadas inferiores” da sociedade. Como nos informa o dicionário eletrônico de língua portuguesa Houaiss, popular é “o conjunto dos cidadãos de um país, excluindo-se os dirigentes e a elite econômica”. Entretanto, tudo que é tido como cultura popular faz parte do estudo da cultura como um todo, porque cultura é um todo que reúne a evolução e a

manifestação do homem na sociedade. Podemos ainda observar que nem tudo o que envolve cultura popular é folclore, mas tudo o que é folclore compõe a cultura popular. Usemos uma metáfora para explicar tal posicionamento: “Há uma mansão. Esta mansão abriga uma gigantesca família em que se é impossível contar o número de pessoas que a habitam. Cada quarto é ocupado por um grupo, mas estes grupos também freqüentam a área comum da mansão, onde interagem, trocam idéias e impressões”. A gigantesca mansão é a cultura em si, que abriga a humanidade como um todo e ao mesmo tempo. Cada um dos povos, sociedades e grupo humanos ocupa um determinado cômodo, mas se encontra sempre, nos corredores e áreas comuns da mansão. A cultura popular é uma área comum muito ampla, enquanto o folclore passeia por todos os cômodos da mansão e, todos os que ali vivem, se servem dele da maneira que lhes apraz.

Tomemos como exemplo a música popular brasileira, o samba em particular, coisa que a princípio era de “negros e mestiços,” hoje é cantado por todos, e é reconhecido internacionalmente. Começa por aí o uso do “popular”, pois apesar de originário do morro e vindo das classes mais baixas de uma sociedade, sua posição foi elevada a um patamar superior, quando intelectuais, como Chico Buarque de Holanda, repousaram seus olhares e ouvidos a este estilo de música do povo. Assim, os saberes populares obtêm uma ascensão social pela elaborada composição de seus versos e em função de uma realidade política existente nas décadas de sessenta e setenta. É a realidade interferindo, mais uma vez, na cultura tradicional, pois durante o regime militar no Brasil, intelectuais de esquerda precisavam estar próximos ao povo ou inseridos em seu meio para fortalecer o movimento de resistência ao regime. Portanto, o samba deve ser estudado dentro da cultura popular, visto que faz parte de um saber popular. Mas, por questões sociais, políticas, ligadas ao mito e a tradição da herança oral, o samba não deve ser estudado dentro de uma concepção folclórica, uma vez que seu material auditivo é registrado e industrializado e, apesar da coletivização, o que se ouve possui uma autoria, uma referência, fugindo do conceito de folclore.

O termo folclore significaria e abrangeria, pois todos os elementos que constituem o que se poderia entender como, “a cultura das classes baixas”, transmitida oralmente. Aqui começou a série de analogias e termos de comparações entre os “meios populares” e os “primitivos”, no folclore, ambos considerados povos pré- letrados ou “incultos”, isto é, gente sem a cultura das classes “superiores”. Esse ponto de vista se arrasta até os dias de hoje quando observamos que as festas são realizadas na maioria por pessoas de classes menos abastadas ou “gente do povo” (Florestan Fernandes, 1978 p. 38).

Nota-se que, para muitos autores, os conceitos de cultura popular e folclore se misturam, vide Luis Câmara Cascudo que conceitua folclore como “a cultura do popular

tornada normativa pela tradição”, não separando uma matéria da outra. Outra dificuldade para sua conceituação acontece por não haver uma demarcação concreta de seus significados que são profundamente amplos. Mas, uma questão mais evidente e que nos conduzirá a algum horizonte, é a diferença entre cultura popular e cultura simplesmente dita.

Cultura é um termo de origem latina que está relacionada às atividades agrícolas. Vem do verbo *colere*, que significa cultivar. Esse termo passa a ser usado por pensadores romanos como sendo “cultivo da alma” e, por associação, surge à ligação com refinamento, educação, elegância, esmero, permitindo que a cultura entre para o “hall” das disciplinas mais nobres como: filosofia, belas artes e literatura. Mas, em meio a todo esse refinamento existe uma classe, à margem da sociedade, que se utiliza de formas diferentes de manifestação, sendo, porém formas tão refinadas e elegantes quanto às praticadas na “cultura culta.” Deste contraste nasceu o termo **cultura popular** para cuidar de questões pertencentes às camadas mais baixas da sociedade e separá-la da cultura das camadas superiores.

Entende-se então por cultura popular as manifestações culturais dessas classes, manifestações diferentes da cultura dominante, que estão fora de suas instituições, que existem independentemente delas, mesmo sendo suas contemporâneas. (SANTOS, 1997, pg. 55).

Mas, vejamos, embora a cultura popular esteja à margem, em um patamar hierárquico inferior à cultura dominante, é devido justamente a essa elite cultural o fato dela tornar-se mais presente, pois é esta mesma elite quem dita o que é cultura popular ou não. A elite desenvolve a concepção e a teoria sobre a cultura popular, mas o que nos parece ruim a princípio, por se fazer tão separatista, permite que a cultura popular exista e sobreviva às mudanças do mundo. Posicionar a cultura em camadas sociais, estratificando-a em inferiores ou superiores, nos permite constatar que - quanto mais aprofundamos os estudos culturais, especificamente os estudos que envolvam uma determinada manifestação cultural - a partir destas “diferenças” ou das relações colonizador /colonizado, erudito/popular, surge um terceiro produto desta cultura “dividida”. Ou seja, cria-se um rico material miscigenado, em uma fusão de europeus, índios, mouros, negros, etc., produzindo um fenômeno novo, dinâmico e artístico. O que evidencia a originalidade da cultura, traduzida por um sentimento que se inicia nas diversidades culturais regionais, amparadas por um sentimento nacionalista da “mestiçagem”, fundamental para o surgimento da cultura do país. Vemos que, a partir do momento que europeus pisaram em nossa terra e tiveram seus primeiros contatos com índios, houve uma sucessão de acontecimentos que conceberam a cultura brasileira, que mais tarde foi enriquecida por elementos da cultura africana. Os ensinamentos passados pelos jesuítas a

índios e negros se somaram ao que já lhes pertencia culturalmente, em um intercâmbio de valores. E se por um lado houve uma “resistência”, no sentido de não ceder, preservando as memórias tanto de índios - oprimidos pelo processo colonizador quanto pelos negros - tirados à força de sua terra natal e escravizados, por outro, houve a fusão da multiplicidade cultural, pois os portugueses aceitaram a resistência marcada pela “re-existência” das culturas de índios e negros. Este “re-existir” foi confirmado com a mestiçagem dessas raças que originou tipos como mulatos, caboclos, bugres, resultando também em diferentes formas culturais, riquíssimas em expressões e manifestações. Já não sendo próprias de um único grupo, mas características de toda uma nação recém formada, a criatividade, a troca de valores, as assimilações e o intercâmbio cultural promoveram a concepção de cultura popular brasileira. É deste modo que o Brasil se caracteriza na visão do mundo. A expressão mestiça, a manifestação multifacetada de sua arte, demonstra a interação entre as culturas e o meio onde se inserem. Podemos chamar estas manifestações de conciliação entre o homem e a natureza ou meio que habita. Da interação amistosa entre cultura erudita e os saberes de índios e negros, brotam manifestações populares com elementos novos, dinâmicos e espontâneos. À medida que estas manifestações vão se difundindo, se espalhando pelo Brasil, ganham aspectos regionais, de fundamental importância para a produção folclórica\cultural de nosso povo, pois o regionalismo enfatiza e pontua cada traço, cada particularidade e peculiaridade das características expressivas abordadas.

A Cultura Popular não trabalha com essências puras, levando-nos a concluir que o erudito e o popular, teoricamente separados, estão sempre se entrecruzando, se inter-relacionando continuamente, seguindo um fluxo incerto, em uma constante mutação, mas sempre convergindo para a evolução do homem. Brandão diz que:

A cultura erudita produz (idéias, crenças, saberes, artes, tecnologias, artefatos) que se tornam populares, que se folclorizam. O popular que alguns séculos antes terá sido fração de uma realidade restrita, cultura de intelectuais, de novo torna-se erudito, restrito, próprio às classes dominantes. Danças camponesas viajam para a cidade, passam do “populacho” aos salões quando autores letrados as descobrem e “civilizam” voltam ao “populacho”, retornam ao mundo camponês. O folclore aproxima-se de litúrgicos, funde-se com ele. Mais adiante por razões de conflitos entre agentes oficiais e populares, ou por causa do eterno empenho de os primeiros dominarem a pessoa e a vida dos segundos, separam-se. Mas um deixa no outro as suas marcas. (BRANDÃO, 1984, p. 75).

Desta forma, depois de todas as apreciações sobreditas, sabemos que escrever sobre cultura popular é um trabalho um tanto delicado e difícil, pois não há um conceito definido pelas ciências humanas do qual ela faça parte. Seus significados são inúmeros, heterogêneos e variáveis. Seu estudo é voltado para a humanidade em toda a sua multiplicidade de formas, de

existência. Desta forma, para o desenvolvimento de nosso trabalho será mais interessante restringirmos o assunto, localizando o objeto de nossa pesquisa em seu contexto amplo, para que não haja confusão em meio a tantos conceitos. Trataremos, pois, neste momento do assunto cultura em relação às festas e cerimônias tradicionais, referindo-nos ao conhecimento popular e às idéias e crenças nele inseridas. Este será o local que nossa festa habitará dentro das infinitas facetas desta cultura.

No início de nosso trabalho citamos o dinamismo e a abertura a mudanças como características da cultura e do folclore. Agora é necessário estancá-los para melhor compreendermos o espaço ocupado pela festa de Folia de Reis na cidade de Três Corações, neste universo. Desta maneira, consideraremos a Folia de Reis como uma manifestação cultural, ressaltando, em particular, dentro deste estreitamento, algumas variações. E nessas variações buscaremos conhecer a lógica interna de suas práticas, concepções e processos. Para tanto, relacionaremos dentro dessa manifestação os processos pertencentes à cultura popular com o contexto na qual ela é produzida. Tomaremos, por exemplo, suas vestes, a composição de seus membros, a função que cada um exerce dentro de tal acontecimento, seus símbolos, cantos e músicas, danças e superstições, costumes e rituais, com o objetivo de mostrar, aos leitores interessados em nossas abordagens, os resultados das histórias relacionadas com suas produções artísticas, que são reflexos de uma existência de seres ativamente culturais.

Assim, daremos ênfase ao modo de ser e sentir típico de uma população, que seja característico e patrimônio da mesma, como a Folia de Reis. Dentro dos fenômenos folclóricos, inserida no contexto da cultura popular, a Folia reúne uma miscelânea de acontecimentos e realizações, que a transforma em uma matéria vasta e acolhedora.

Das vozes, dos sons, das danças, dos cantos, dos louvores e das promessas é que tiramos o alimento para este trabalho, trazendo a Folia de Reis para mais perto de nós, a fim de que possamos percorrer este caminho tão complexo e abrangente que é a cultura, tornando-a mais concreta, para, assim, fazer com que seja ouvida nossa voz.

2 - A ORIGEM DA FOLIA DE REIS

Olha o marungo aí!
Olha o marungo aí, hein!
Vai pegar menina levada!
Não tenho medo de folia de reis não, mãe
Quanta graça tem essas crianças, esses senhores
Neste pequeno lugar
Suas canções saudando santos, saudando pessoas
Saudando o menino que habita em nós
Festa profana, sanfona sagrada, bandeira encardida
Homens de fé, homens de pé no chão, vestes coloridas
Carregando cruz pesada e bandeira no coração
Só tenho vontade mesmo é de dançar com as crianças
De cantar com os velhos
Medo não.
(Danisa Chaves)

A Folia de Reis é uma celebração católica ligada à comemoração natalina, realizada desde o século XVI - por volta do ano de 1534, trazida pelos portugueses para o Brasil durante o processo de colonização. Processo que aconteceu por meio da evangelização de índios e, posteriormente, de africanos pelos jesuítas. Consta que esta festa era realizada em toda Península Ibérica para comemoração de Reis e era comum a doação de oferendas pelas pessoas que recebiam os festejos em suas residências. Com o passar do tempo esta celebração foi ganhando características próprias, através do hibridismo dos grupos étnicos na qual ela foi constituída, conforme explica Cascudo em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*:

Foram festas populares na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, etc.) dedicada aos três Reis Magos em sua visita ao Menino Deus, e ainda vivas em vestígios visíveis. Na Península Ibérica, os reis continuam vivos e comemorados, sendo a época de dar e receber presentes, “os reis”, de forma espontânea ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, que visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde ou na noite de 5 de janeiro (véspera de Reis) cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos à data ou solicitando alimentos ou dinheiro. Os colonizadores portugueses mantiveram a tradição no Brasil e de todo não desapareceu o uso nalgumas regiões (Câmara Cascudo, 1954, p.774).

Conta-nos Cascudo que durante o século XVI os jesuítas, para catequizar, usavam autos⁸ religiosos, com elementos clássicos e entidades⁹ indígenas a fim de incutir nos povos nativos e, mais tarde, nos povos africanos, sua religião. Segundo Cascudo, estes autos eram encenados por crianças que, acompanhadas por uma orquestra, dançavam, cantavam e recitavam. Com o passar do tempo estes teatros populares foram se convergindo em danças¹⁰ dramáticas que, segundo Mário de Andrade, possuem um caráter profano¹¹ religioso. Para ele a origem do drama popular era de cunho religioso, passando a ter características profanas, quando surgem nestas dramatizações elementos cômicos, devido à degradação religiosa. Melhor explicando, os grupos colonizados se “libertaram” e se afastaram de uma parte da religião imposta por seus evangelizadores. Esta parte, que eles tomam para si, passa a ter outros elementos que não são puramente sacros, elementos que quebram a “seriedade” com que estas dramatizações eram realizadas. O riso, as brincadeiras e até mesmo as bebidas

⁸ Auto - Forma teatral de enredo popular com bailados e cantos, tratando de assunto religioso ou profano, representado no ciclo de Natal (dezembro-janeiro) (Câmara Cascudo, 1954, p. 115).

⁹ Entidades - Pessoa de suma importância e de grande valor.

¹⁰ Danças - Teria sido a mais antiga, a primeira manifestação grupal de homenagens às forças sobrenaturais. Documentações do Brasil no sec. XVI referem-se às danças como o círculo onde os pajés fumavam os guerreiros, transmitindo-lhes o espírito da coragem. As danças só podiam ser expressões sagradas e depois o instinto lúdico diversificou-as (Câmara Cascudo, 1954, p.339).

¹¹ Profano - Transgressão, transformação de algo sagrado\religioso para algo irreverente.

alcoólicas, deram à festa uma atmosfera mais descontraída, divertida, mas com a consciência religiosa que era e ainda continua sendo o motivo primordial da celebração dos grupos que a realizam. Como nos traz Mário de Andrade, “inocentemente o povo atinge o próprio sacrilégio, numa serena ausência de pecado” (Andrade, 1959, p.24).

Ele nasce como imposição de grupos dominantes que, na celebração, ensinam por meio de mimetismo¹² dramático¹³ a vida imperante dos espíritos, dos deuses. Assim não é a profanidade do heroísmo, da coragem, dos feitos históricos, tradições e costumes¹⁴ raciais que provocam a fundação das nossas danças dramáticas. Todas são de fundo religioso. Ou melhor dizendo: o tema, o assunto de cada bailado é conjuntamente profano e religioso, imediatamente condicionado a uma transfiguração¹⁵ religiosa (Mário de Andrade, 1959, p.21e 22).

Analisando separadamente as palavras mencionadas, “dança” e “drama”, e unindo-as, podemos dizer que as danças dramáticas são manifestações de um grupo que imitam ações da vida, ligados a temas e acontecimentos religiosos. Este é o caso da Folia de Reis, festa popular que representa o nascimento do menino Jesus e a caminhada feita pelos três Reis Magos para encontrá-lo e presentear-lo. A Folia de Reis, como toda manifestação folclórica, é feita de maneira muito alegre, espontânea e rítmica, apresentando em sua forma elementos dramáticos\ religiosos e profanos, tal como nos explica Cascudo e Mário de Andrade.

Podemos encontrar na Bíblia, no Evangelho segundo Mateus, 2, 1-23, passagem que nos narra este acontecimento: “Tendo nascido, pois, Jesus em Belém de Judá, em tempo do rei Herodes, eis que vieram do Oriente uns magos a Jerusalém, dizendo: Onde está o rei dos judeus, que é nascido? Porque nós vimos no Oriente a sua estrela: e viemos a adorá-lo”.

Inspirados pelas palavras dos primeiros versículos do testamento de Mateus, as Folias de Reis comemoram de maneira alegre, com danças, músicas e versos que contam o acontecimento. A crença diz que ao vir ao mundo em uma pobre manjedoura¹⁶, o Menino Deus recebeu a visita de três Reis Magos, Baltazar, Gaspar e Melchior, cada qual vindo de um continente: Ásia, África e Europa. Os Reis, guiados por uma estrela que reluzia no céu, fizeram uma longa jornada para presentear o Menino Jesus. Por isso, a Folia de Reis tem seu início ou sua saída no dia 25 de dezembro, representando o acontecimento outrora festejado por seus ancestrais, percorrendo ruas e casas refazendo a peregrinação dos reis. Os devotos caminham por doze dias, representando o trajeto dos magos, como se seguissem a mesma estrela que os conduziu a Belém. Passando pelas moradas contam, em forma de versos, a

¹² Mimese - Termo criado por Aristóteles, na Poética, que significa imitação.

¹³ Drama - gênero literário narrativo que imita ações, atividade de representar ações da vida comum.

¹⁴ Costumes - hábitos de terminados grupos que possuem características peculiares.

¹⁵ Transfiguração - Transformação, metamorfose, mudança.

¹⁶ Manjedoura - lugar onde se coloca comida para animais, como vaca, boi, cavalos em estábulos.

história da “Epifania do Senhor” acompanhados pela música que serve de base para a declamação das trovas. Em cada residência a declamação acontece de forma diferente, embalada por violões, caixas, triângulos e sanfonas.

Diz a lenda que quando os três reis chegaram à manjedoura, para louvar o Menino Jesus, cada um deles trazia consigo um presente. O rei Gaspar, representando o Continente Asiático, presenteou a criança com mirra, uma espécie de óleo perfumado que servia para embalsamar as pessoas quando morriam. Baltazar, que representava o Continente Africano, ofereceu a Jesus incenso para perfumar e purificar o local onde o messias se encontrava e Melchior, representando o Continente Europeu, trouxe ao menino o ouro, simbolizando a nobreza. Este último presente foi rejeitado por Maria, pois se tratava de tão rico regalo que ela pediu aos três Magos do Oriente que trouxessem um presente mais simples ao pequeno Rei recém nascido, vindo ao mundo para ensinar os homens a serem humildes.

Então os Reis Magos saíram pelas aldeias próximas cantando e dançando durante três dias, recebendo ofertas em forma de dinheiro para, assim, poder presentear a criança divina. O rei Melchior cantava, o rei Gaspar dançava e o rei Baltazar recitava. Durante este período de celebração, dois soldados, a mando do Rei Herodes, foram incumbidos de assassinar o Menino Jesus. Entretanto, devido à tamanha festa e beleza, ao verem o filho de Deus, seus corações foram tomados por um grande sentimento de amor e alegria, não podendo mais executar o que lhes fora ordenado. Assim, os dois soldados rederam-lhe graças e uniram-se aos três reis magos. No caminho de volta dançavam, cantavam, recitavam versos, mas, agora com os rostos cobertos por máscaras, para não serem descobertos pelos outros soldados que como eles também estavam no encalço do Menino Jesus, porém, diferentemente deles, não tiveram a sorte de serem tocados pelo milagre transformador do amor. E foi assim que surgiu o personagem “marungo, palhaço ou bastião” nas Folias de Reis, que a partir do contato com o Deus Menino se transforma em mensageiro, cantor da história do nascimento de Cristo e bailarino da “jaquinha.”

A chegada acontece no dia seis de janeiro, quando é finalizada a festa de reis com um ritual emocionante. Famílias, parentes e vizinhos reúnem-se em uma determinada casa que é preparada e ornamentada para receber seus membros e entregar a promessa que fizeram aos magos.

O ritual se encerra com muita fartura e é marcado por uma dança frenética, tida pelos foliões como jaca ou “cortar jaquinha.”

Este festejo é arraigado em uma determinada tradição, um legado que passa de pai para filho ou algum parente próximo, e agrega ao modo ritualístico a necessidade que os

povos possuem de comemorar suas crenças. Uma expressão do sentimento comum ao homem, traçando sua identidade, que leva à exteriorização de formas artísticas e traduz sua criatividade de maneira tocante e significativa de modo a construir suas crenças, através de suas percepções e impressões em face do ambiente que habitam.

Para descrever este acontecimento, Hildegardes Vianna diz:

Os que não entendem a significação dos ternos e ranchos de reis talvez achem fora de propósito os grupos que bailam e catam nas noites de reis na Bahia e em outros estados brasileiros. Porém, os que conhecem as nossas tradições sabem que eles representam uma evocação da marcha dos Reis Magos, pastores e pastoras, rumo a Belém, em busca do Messias no seu humilde presépio. (Hildegardes Vianna, 1977 Revista Cultura p. 81).

Mário de Andrade nos explica que Reisado foi uma palavra modificada, melhor dizendo, trazida para o gênero masculino pelos brasileiros, uma vez que em Portugal o termo é “Reisada”, sinônimo de “rapaziada”, descrito em seu livro *Danças Dramáticas do Brasil*, como sendo “um auto sobre tabladros, com panos de chita ao fundo, por onde saem os atores” (Andrade, 1959, p.35).

Para Cascudo o reisado:

É a denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro). Em Portugal diz-se reisada e reiseiros, que tanto pode ser cortejo de pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, como os autos sacros, com motivos sagrados da história de Cristo (Luís Câmara Cascudo, 1954, p.774).

Através do conceito que vimos em Cascudo, podemos observar que a festa da folia em Três Corações mescla as duas formas como estes festejos são realizados, pois as Falias de Reis seguem pelas ruas como cortejos, e quando entram nas casas dão início a um auto com apresentações de música, dança e declamações de versos, passando as residências dos devotos a ser o palco para a encenação da festa.

Em Portugal, o primeiro registro destas festas de que se tem notícia foi de Gil Vicente, século XVI, que nos descreve em versos trovados como era a celebração de uma folia “que era no Portugal velho uma dança rápida ao som do pandeiro ou do adufe, acompanhado de cantos” (Câmara Cascudo, 1954, p.402).

Em Portugal vi eu já
Em cada casa pandeiro;
E gaita em casa de palheiro;
E de vinte anos a cá
Não há ni gaita e nem gaiteiro.
A cada porto hum terreiro;
Cada aldeia dez folias.
Cada casa atabaqueiro;

E agora Jeremias
He nosso tamborileiro.
(Gil Vicente, Triunfo do Inverno, 1954, op. cit, 403).

As Folias de Reis podem ser chamadas de folguedos que, segundo Cascudo (1954, p. 876), são jogos ou divertimentos ligados aos reisados de Natal ou à passagem de ano. Em outras regiões as folias são chamadas de ternos, reisados ou ranchos. A união ou conjunto de todos os seus componentes (foliões) são chamados de Companhias ou Folias de Reis, acompanhado do nome que cada fundador dá a ela.

As Folias de Reis ainda hoje se conservam muito fortes em Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e em outros estados. Um dos principais motivos que levam as pessoas a participar da festa é o cunho religioso. Esta participação se dá por meio de um Auto encenado nas casas onde os foliões são convidados a entrar, representando a visita que os reis Baltazar, Melchior e Gaspar fizeram ao Messias. A história desse acontecimento sofre pequenas variações de região para região. Contaremos a versão narrada pelo marungo Odair, membro da Folia União dos Companheiros.

“Diz a história que antes do menino Jesus ser visto e adorado pelos reis magos, já havia comemorações realizadas todos os meses em sua homenagem, por pastores que moravam em vilarejos próximos a Belém e sabiam de seu nascimento. Neste mesmo momento os magos ainda peregrinavam à procura do salvador, uma caminhada que teve a duração de um ano. Quando aconteceu o encontro entre o menino Jesus e os três reis magos, Baltazar, Gaspar e Melchior permaneceram durante três dias diante do presépio adorando-o. Somente no quarto dia regressaram, tocados pela luz divina que emanava daquela criança celestial. Antes da partida dos reis magos, Maria os presenteou, dando a cada um deles, um pedaço de seu manto.

Para escapar da perseguição de Herodes, os santos reis mudaram seu caminho de volta e, assim, foram passando pelas vilas, levando a boa nova para todas as pessoas que encontravam, até a morte de Cristo. Separados, continuaram a pregar o nascimento de Jesus, cada um em seu continente, fazendo com que a mensagem percorresse o mundo inteiro. Passados muitos anos, Gaspar reencontrou com o menino Jesus, já transformado em Cristo quando já estava sendo crucificado, no momento de sua morte. Em uma busca que durou oitenta anos conseguiu novamente reunir os outros dois reis e juntar os pedaços do manto que Maria havia dado a eles. Nesse manto se formou a imagem de Maria, José e o menino Jesus na manjedoura com os três reis magos a adorá-lo, daí surgiu a bandeira de santos reis. Mas, nossa história não termina por aqui, depois disso Gaspar, Baltazar e Melchior continuaram

juntos, pregando para as pessoas o que haviam presenciado. E por tal pregação foram perseguidos e presos, vindo a morrer dois dos três reis, restando somente Melchior, que criou um altar em devoção à Virgem Maria, onde estendeu a bandeira. Uma moribunda que morava ali por perto e já sabia de toda a história pediu que o santo rei mago levasse a bandeira até ela e, após o contato com o manto sagrado, ela se pôs de pé, recuperando a saúde. Então, a esse fato associou-se o primeiro milagre da bandeira. A notícia se espalhou pela aldeia e todos os necessitados foram à procura do Mago Melchior e da bandeira milagrosa. Para atender a todos, o último rei vivo reuniu os pastores da região e reproduziu mais bandeiras, surgindo, assim a Folia de Reis após sessenta e três anos da morte de Jesus Cristo.”

Os folguedos são modos de comemoração semelhante, porém reformulados e adequados à maneira em que se vive em cada país, estado, região ou até mesmo comunidades, como conta Hildergardes Vianna¹⁷ em artigo escrito para revista Cultura em 1977, sobre ternos e ranchos de reis na Bahia. Diz ele que ao viajar para Portugal à procura das famosas “janeiras¹⁸” ou de festas que lembravam os ranchos de Reis da Bahia, encontrou nas marchas de Santo Antônio uma similaridade, pela proximidade visual e performática que existia entre tais festas. De modo que podemos dizer que estas festas aqui e lá, a partir do processo de colonização, mestiçaram-se, assimilaram-se e interpenetraram-se. Não havendo oposições, houve um intercâmbio cultural cujo resultado gerou um novo produto, nascido do encontro destes grupos que, com o decorrer do tempo, ganhou formas e características próprias. Adaptando-se, transformando-se à medida que conquistavam sua autonomia cultural e, a partir disto, conquistaram a liberdade para expressar sua criatividade através do que o meio que habitam lhes proporciona.

2.1- MOTIVO DA FESTA: HISTÓRIA DO NASCIMENTO DE JESUS

Ai, andar andei, ai como andei
 E aprendi a nova lei
 Alegria em nome da rainha e folia em nome de rei
 Alegria em nome da rainha e folia em nome de rei
 Aí, mar marujei, ai eu naveguei
 E aprendi a nova lei
 Se é de terra que fiquei na areia o mar bravo só respeita o rei
 Aí, voar voei, aí como voei

¹⁷ Hildergardes Vianna- Revista Cultura, 1977, p. 81

¹⁸ Janeiras - “São festas realizadas no Natal, onde são oferecidos presentes, alimentos. Dinheiros aos cantores santos e aos donos das casas que os recebem. É uma reminiscência portuguesa que o Brasil praticou até fins do séc. XIX e primeiros anos do XX. No dia 31 de dezembro, à noite e pelo dia 1º de janeiro adiante, vagueiam na rua grupos de adultos e grupos de jovens e crianças. Vão de porta em porta, param e cantam em coro: Primeiro, louvam o Menino Jesus, depois, louvores aos moradores” (Câmara Cascudo, 1954, p. 469).

E aprendi a nova lei
 Alegria em nome das estrelas e folia em nome de rei
 Alegria em nome das estrelas e folia em nome de rei
 Aí eu partirei, aí eu voltarei, vou confirmar a nova lei
 Alegria em nome de Cristo, porque Cristo é o rei dos reis
 Alegria em nome de Cristo, porque Cristo é o rei dos reis.
 (Folias de Reis, Chico Anísio e Arnaud Rodrigues).

O motivo principal pelo qual se realiza a festa da Folia de Reis é o nascimento do Menino Jesus, acontecimento que leva o nome de “Epifania do Senhor”. Esta palavra de origem grega quer dizer “manifestação divina” ou “aparição divina”. Ela é o símbolo do amanhecer e designa a festa de Santos Reis comemorada no dia seis de janeiro, data em que O Menino Jesus se manifestou aos gentios¹⁹ e quando foi revelada ao mundo a vinda do Messias, através dos Santos Reis. A Igreja comemora este acontecimento no primeiro domingo do mês de janeiro. Durante anos a Epifania do Senhor foi considerada a data mais importante do calendário católico e, no decorrer dos anos, esta celebração foi substituída pelo Natal. Em alguns países, principalmente nos europeus, é celebrado o nascimento de Cristo no dia seis de janeiro, pois nesta data ele foi anunciado ao mundo através dos três reis magos. A partir do século V, no Ocidente, as celebrações da Epifania do Senhor e do Natal foram separadas, fixando-se estes acontecimentos em datas diferentes.

Baseada na história narrada na Bíblia, o Senhor se manifestou aos pagãos do Oriente através de uma estrela que brilhava no céu e que serviu para guiar os Reis Magos ao encontro do Menino Jesus. A história se inicia quando Maria, filha de Joaquim, descendente de Davi, e de Ana, descendente de Arão, recebeu a visita do anjo Gabriel que lhe disse que ela seria mãe do Salvador. Narra a história bíblica que Maria era virgem e teve sua gestação realizada através do Espírito Santo do Senhor. José, seu marido, ao saber de sua gravidez ficou muito triste, pois como poderia ela, sendo uma virgem engravidar? Então o mesmo anjo apareceu para José, através de um sonho, e explicou-lhe o acontecido, dizendo que a criança que nasceria do ventre da Virgem Maria seria o filho de Deus, teria o nome de Jesus e salvaria os homens de seus pecados. José, então, recebeu Maria e o filho, que se tornou também seu, vivendo os três em Nazaré.

Passados alguns meses, aconteceu que Cezar Augusto, imperador de Roma ordenou um recenseamento em todo o império, onde cada um teria que se inscrever em sua cidade. Retornando Maria e José à sua cidade natal para fazer a inscrição que só podia ser realizada pessoalmente. José, guiando um burro que servia para transportar Maria e a criança que ela

¹⁹ Gentios - do latim gentilis que significa povo, nação pagã. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001, p. 1443).

trazia no ventre, seguiu rumo a Belém. Lá chegando, o casal não encontrou nenhum local para repousar, visto que a cidade estava cheia por causa do recenseamento. José e Maria, prestes a dar à luz, encontraram abrigo em uma lapa onde os animais se refugiavam nos dias de chuva e frio. Eis que naquela noite veio ao mundo o ser divino, cujo nome era Jesus de Nazaré e que mais tarde viraria “Jesus Cristo, o Rei dos Reis”. Em sua primeira noite na terra dormiu em um presépio sobre uma manjedoura. Na mesma noite em que Jesus nasceu, um anjo anunciou aos pastores das redondezas a sua chegada. Mais tarde, os Magos do Oriente, ao observar a estrela que brilhava sobre Belém descobriram que um novo Rei havia nascido e, seguindo-a foram ao encontro do Messias levando presentes. Os três Magos simbolizavam as três únicas raças bíblicas que eram os Semitas, Javistas e os Comitas.

Os magos eram sábios astrólogos que, acreditando nas profecias, seguiram a estrela guia até Jerusalém, capital de Judá. Chegando lá a estrela desapareceu, e mesmo os três reis se achando perdidos, não desanimaram, continuando à procura do recém-nascido na certeza de encontrá-lo. Entraram em Jerusalém a pedir informações sobre o rei dos Judeus que acabara de nascer. Os magos causaram um grande alvoroço ao questionarem o rei Herodes sobre o recém-nascido. Perturbado com a notícia, Herodes sentiu que o seu trono estava ameaçado pelos magos, que perguntavam aonde tinha nascido o Rei dos judeus. O Rei então reuniu os sacerdotes e os escribas para que estudassem as escrituras e dessem uma resposta aos magos. Com a resposta dos sábios, rei Herodes disse aos três que o Messias nasceria na cidade de Belém, pedindo aos magos que o comunicassem quando encontrassem o menino para que ele também pudesse ir adorá-lo. Eles partiram para Belém. Ao sair do castelo de Herodes a estrela novamente apareceu indicando-lhes onde estava o Deus Menino. Encontraram o Salvador e ficaram conhecendo o Rei dos Judeus. Como nos mostra o acontecimento descrito por Mateus 2,9: “Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou”.

2.2 - COMPOSIÇÃO DA FOLIA DE REIS

De uma maneira geral, apresentaremos a estrutura das folias existentes pelo país com base no que estudamos. Percebemos que a formação principal é a mesma, se diferenciando pelo número de componentes e na maneira com que cada folião conduz sua folia.

Personagens - As Folias não apresentam um numero fixo de personagens, variando de ano para ano e de folia para folia. Seus principais personagens são:

“*Mestre- violeiro*”, “*embaixador*” ou “*capitão da companhia*”- a ele compete cantar e tocar as músicas em saudação ao Menino Jesus, aos três Reis Magos e as pessoas que permitem a entrada da folia em suas casas. O mestre é quem dá início ao canto sendo ele uma espécie de maestro. Ele é responsável pelo andamento dos cantos e da colocação das vozes. O grupo de cantores é composto de sete vozes: 1ª voz - embaixador ou mestre, 2ª voz - respondedor ou contra mestre, 3ª voz - contralto²⁰, 4ª voz - caceteiro, 5ª voz - tipe, 6ª voz - contra tipe, 7ª voz - tala. O embaixador improvisa os versos e os demais repetem os versos improvisados.

Contramestre – possui praticamente a mesma função do embaixador ou do mestre, é preparado para suceder e substituir o mestre caso algo aconteça.

Palhaço, bastião ou marungo – responsável por “cortar jaquinha²¹”, dança que marca a festa da Folia de Reis, também pode fazer versos de agradecimento e versos de despedida quando representa um dos três reis magos. A ele cabe a abertura para folia e o pedido de licença aos moradores para entrar em suas casas. Os marungos são figuras misteriosas que simbolizam a figura do bem e do mal. Segundo a crença, os marungos usaram máscaras para se esconder e amedrontar os soldados enviados pelo rei Herodes para matar o Menino Jesus. Foi daí que surgiu, nas folias, a idéia de que as máscaras servem para espantar os maus espíritos. Os marungos devem proteger o menino Jesus e confundir os soldados do rei. Nas Companhias são acrobatas e declamadores. São soldados convertidos que se vestiam de marungos para distrair os guardas e, assim, permitirem que São José e Nossa Senhora se salvassem do rei Herodes, que ordenara a morte de todas as crianças abaixo de dois anos. Os marungos declamam os versos diante do presépio, nas igrejas, etc., dançam divertem as crianças e arrecadam as ofertas ou esmolas, dinheiro, para fazer a grande festa de Reis no dia da chegada, lembrando a volta dos Reis Magos ao Oriente, sua terra Natal, onde todos juntos comemoram o nascimento de Jesus.

Bandeira - símbolo maior da Folia de Reis, geralmente a bandeira passa pelas mãos de todos que participam da festa, mas tendo sempre sua bandeireira ou seu bandeireiro oficial, que segue na frente da folia, percorrendo as ruas da cidade, oferecendo a bandeira aos admiradores nas janelas. Alguns moradores permitem que toda companhia entre em suas casas, outros pegam a bandeira em frente a sua morada, levam para dentro e voltam com algumas moedas, entregando novamente o estandarte para o bandeireiro. A decoração da

²⁰ Contralto - No canto, a voz mais grave.

²¹ Jaca - Dança ginástica, solta, com coreografia individual. Cortar-Jaca - expressão usada pelos membros das Folias de Reis quando o marungo ou bastião dança, de modo muito rápido, passos que levam um pé após o outro, em ritmo frenético.

bandeira varia. Em algumas folias, leva a imagem do menino Jesus na Manjedoura junto à imagem de Maria e José, representando o nascimento do Messias. Em outras folias a imagem representada é a figura dos três reis magos guiados pela estrela do oriente. Entretanto, todas as bandeiras são enfeitadas com flores de plástico e fitas de cetim de várias cores, sendo que cada cor possuiu um significado, como veremos abaixo. À bandeira se remetem todas as graças alcançadas. Dona Martha, uma admiradora da festa, diz em seu depoimento que a bandeira de Santos Reis, é muito milagrosa e tudo que se pede a ela é concedido. O marungo Odair nos conta que a bandeira é o único símbolo sagrado da Folia de Reis, pois nela consta toda a história do nascimento de Cristo e é ela o instrumento material que liga as pessoas a Ele. Oswaldo Giovannini Júnior em seu livro, *Folgedos da Mata* diz que:



“A bandeira vai sempre à frente, anunciando melhores dias e pregando o evangelho e a cosmologia cristã. Cosmologia é uma forma de ver o mundo, tanto o mundo material quanto o mundo espiritual. Essa visão vai estampada na bandeira, condensada nos símbolos que carrega” (Oswaldo Giovannini Júnior, 2005, p. 19).

Os devotos do Divino vão abrir sua morada
Pra bandeira do menino ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai
Deus nos salve esse devoto pela esmola em vosso nome
Dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome, ai, ai

A bandeira acredita que a semente seja tanta
Que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai
Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita
Que o homem seja livre, que a justiça sobreviva, ai, ai

Assim como os três reis magos que seguiram a estrela guia
A bandeira segue em frente atrás de melhores dias
No estandarte vai escrito que ele voltará de novo
E o Rei será bendito, ele nascerá do povo, ai, ai

(Bandeira do Divino - Ivan Lins)

Alferes ou Bandeireiro – encontra-se sempre na frente da folia carregando a bandeira e nunca entra em uma casa sem autorização do dono.

Significado das cores das fitas na bandeira

Amarelo\Ouro - na Folia de Reis, o amarelo simboliza o Rei Melchior que representa o povo europeu. O ouro é o símbolo do amor, da realeza. Aquele Menino foi considerado pelo povo o novo rei dos Judeus. Os magos reconheceram naquela criança a grandeza, a realeza.

Verde – simboliza a mirra, a esperança e o sofrimento de Cristo pela humanidade. A cor verde na Folia de Reis representa o rei Gaspar e os povos da Ásia. Rei Gaspar presenteou Jesus com a mirra, óleo extraído de árvores do Oriente, usado para embalsamar os mortos, dando o sentido da imortalidade. Da mirra também se fazia remédios, tão amargos quanto o fel. Os foliões associam este fato à amargura que Cristo sofreu quando da crucificação.

Vermelho - representa o fogo do incenso e simboliza a purificação. Na Folia de Reis, a cor vermelha se refere ao Rei Baltazar, o rei negro representante de todo o povo do continente africano. Baltazar presenteou o menino Jesus com incenso, símbolo da oração e súplica, o agradecimento a Deus, através de seu filho. A cor vermelha também representa o Espírito Santo que se manifestou a Maria Santíssima, quando o anjo Gabriel anunciou-lhe que seria a mãe do Menino Deus.

Azul - representa o manto de Maria, simboliza a divindade e todo o universo criado por Deus.

Branco - cor do véu de Maria que representa Jesus e a pomba branca, símbolo da paz, em uma Folia.

Rosa - representa São José, simboliza o amor e a paciência.

Roxo - representa os três reis magos, simboliza a esperança, a fé e a transformação.

Preto - é a última cor que deve ser colocada na bandeira. Representa o luto e o respeito dos foliões aos que já faleceram e o luto da humanidade pelas crianças de menos de dois anos que Herodes mandou matar.

Indumentária - os foliões usam camisetas com o nome das companhias e em cores diferenciadas. Os marungos usam calça e camisa de chita, estampadas com cores intensas e grandes flores, levando no rosto máscaras confeccionadas com diversos materiais, tais como papelão, couro, pano e até cabeças de bichos de pelúcia. Usam também uma sacola onde guardam o dinheiro que as pessoas lhes dão como agradecimento ao receberem a bandeira ou a folia inteira em suas casas. A cabeça é enfeitada com uma coroa de papelão e levam nas mãos uma espécie de bastão ou uma espada de madeira.

Instrumentos musicais - os mais comuns e vistos durante os festejos de reis são: violão, triângulo, sanfona, caixa e pandeiro. Contudo, há companhias que utilizam violinos, flautas, cavaquinhos e rabecas.

Canções - as canções são entoadas inicialmente pelos mestres e contramestres diante do Presépio, de uma imagem do Menino Jesus ou até mesmo de uma árvore de natal. Em geral, os cantos nas casas são: de licença para entrar nas residências, da viagem dos três reis magos guiados pela estrela, do nascimento de Jesus, de benção da morada e da família que a habita, de agradecimento da oferta recebida e, por último, de despedida.

Canto de Chegada- “Bendito e louvado seja este momento tão sagrado! Senhor dono da casa aceita a bandeira dos coroados?”

Canto de saudação à família- “Chegamos na casa da família de um novo amigo. Pedimos aos Santos Reis que lhes dê saúde e te livra de todos os perigos!”

Canto de despedida ou partida- “Despedida! Uma despedida é triste para quem sabe fazer a despedida, vocês “fica” aí, com Deus e com a bênção dos Santos Reis e com a Virgem Mãe concebida.”

Presépio - o presépio é uma referência cristã que apresenta Jesus menino na gruta de Belém com sua mãe Maria Santíssima, a visita dos pastores e a visita dos três Reis Magos que vieram do Oriente adorando e entregando os presentes ouro, incenso e mirra. O presépio representa a simplicidade em que nasceu o Menino Jesus na noite de Natal. Esta representação foi popularizada por São Francisco Assis no século XIII.

Saudação do marungo diante do presépio - “Há muito tempo atrás foi escrita uma sagrada escritura, onde dizia que viria ao mundo o filho de Deus, através de uma virgem pura. Quem a escreveu foi o profeta Isaías, dizendo que sua mãe seria a Virgem Maria e Jesus o seu nome seria. Para dar início a esta profecia, Deus enviou lá do céu um brilho divino, era o anjo para avisar a Virgem sobre o nascimento deste menino. Deus escolheu para ser a mãe de Jesus uma virgem simples e profetiza da linhagem de Davi, filha de São Joaquim e da profetisa Santa Ana. Foi escolhido um carpinteiro humilde com muita fé e amoroso, para ser o pai adotivo de Jesus, escolheu São José que da Maria foi consagrado o esposo. Foi no mês de Março que surgiu um grande clarão iluminando todo Céu, para anunciar a Virgem Maria que chegava a terra o Anjo Gabriel. Pelas graças do Divino Espírito Santo, no ventre de Maria Jesus foi encarnado, passaram-se os nove meses, o que estava escrito foi consumado. Nasceu em uma gruta de uma velha estrebaria, quartelada pelos animais que por ali viviam, ao lado de seu pai José e da sua mãe Virgem Maria. Mesmo sendo o filho do todo poderoso, numa pobreza assim ele quis nascer, dando exemplo à humanidade e deixando o seu nascimento para o universo nunca esquecer. A primeira visita que Jesus recebeu foi à visita dos pastores, que chegaram pedindo a bênção e beijando os pés do salvador. Os pastores levaram seus humildes presentes, mas doado de coração e com sinceridade, um levou leite um presente da humildade, mas é o maior alimento de toda humanidade. Outro levou queijo e foi dado com sinceridade é tirado do leite e tem a mesma qualidade e os outros levaram lã demonstrando honestidade que serviu para aquecer Jesus, o fruto da eternidade. Mas em seu nascimento surgiu no Céu um brilho tão divino, era a estrela do oriente avisando o nascimento de Jesus Menino. Nessa época havia homens sábios e inteligentes que estudavam a astronomia, eram os Magos do Oriente, que logo entenderam o que aquela estrela dizia. Esses homens eram de crença a Deus e a Jesus foram adorar e ficaram conhecidos como Gaspar, Melchior e Baltazar. Os Reis Magos quando souberam, arriaram seus animais e foram viajar, cada um saiu de um lado, viajando dias sem parar até que chegaram a uma encruzilhada onde se encontrava os

quatro cantos do mundo, ponto onde eles vieram a se encontrar. Seguiram juntos dali para frente, uma longa jornada e deram uma grande volta para passarem em Jerusalém, para perguntar ao Rei Herodes o que se passava em Belém. Perguntaram a Herodes onde nasceu o rei dos Judeus, Herodes indignado com a pergunta aos três respondeu: vou perguntar aos meus sábios, mas o único rei aqui sou eu. Herodes, depois de se informar, indicou o caminho aos Magos pedindo que passassem ali na volta para tudo certo lhe contar, pois ele também gostaria de homenagear. Os Magos seguiram viagem, guiados por uma estrela que no Céu brilhava, noite e dia, levando os Três Reis até uma gruta de uma velha estrebaria. Ao se aproximarem do local sagrado, sem saber se era o local certo, foram louvados pelos pastores e as pastorinhas que cantavam, louvando a Deus pelo nascimento que aconteceu ali perto. Próximo da gruta havia arcos dourados, símbolo da união entre o Céu e a Terra pelo nascimento ali realizado, foi o local onde os Reis Magos ficaram emocionados, pois estavam diante do filho de Deus que por eles era procurado. Os Três Reis a São José se apresentaram e diante de Jesus Menino todos eles ficaram ajoelhados, prestaram sua homenagem e os presentes foram ofertados: Mirra, Incenso e Ouro a Jesus foi entregue, com a licença de José e Maria eles levantaram e por Deus pai eles foram consagrados. Esta história é uma parte do antigo testamento que de fato aconteceu, desde a criação do mundo até quando Jesus nasceu. Em nome de Deus Pai e dos Três Reis coroados, bendito, louvado seja, e para sempre seja louvado”.

Ofertas - são donativos que as folias recebem para ajudar no dia da festa de Santos Reis.

Organização - reunidos, todos os componentes na casa do embaixador no dia da saída, rezam, cantam e saúdam Santos Reis, através da bandeira, percorrendo os bairros próximos com a finalidade de angariar donativos de porta em porta. O marungo improvisa versos sobre o início do festejo, homenageando o dono da casa, no caso o mestre violeiro e sua família, através dos mesmos versos, louva o nascimento do Menino Deus e pede benção para todos os participantes e as pessoas que ali se encontram. Logo após, inicia-se a caminhada pelas ruas da cidade durante doze dias.

Época - as Folias iniciam suas caminhadas no dia 24 de dezembro, véspera da data em que se comemora, no catolicismo, o nascimento de Jesus. Os foliões passam o dia 31 com suas famílias e recomeçam no dia primeiro de janeiro, percorrendo e caminhando durante doze dias pelas ruas da cidade, encerrando sua jornada no dia de Santos Reis – seis de janeiro.

*Superstições*²² - as Folias possuem diversas superstições em relação a vários objetos que fazem parte da festa. Uma delas é em relação à bandeira, um dos principais símbolos dos ranchos de Reis. As bandeiras são sempre costuradas, nunca amarradas, pois segundo a crença, se amarrada pode atrapalhar e prejudicar a jornada dos foliões. Acreditam também no uso de colares de miçangas com medalhas de santos que são chamados de guias pelos foliões, que funcionam como uma espécie de amuleto para proteção e desamarram o que os impeça de seguir com suas caminhadas. Conta o marungo Odair que, na folia de seu pai, um membro de uma companhia incorporou um folião já falecido, parente da família cuja casa a folia visitava. Diz ele que, ao perceberem o fato, usaram de orações e da guia, que estava no pescoço de um dos marungos, para livrar a pessoa “possuída” do folião morto. Outro caso curioso nos foi contado por um admirador da folia. A história em questão foi narrada por sua mãe quando ele ainda era criança. Diz a história que um fazendeiro, ao ouvir o som da folia se aproximando pediu a um empregado que fechasse a porteira, pois não acreditava e não gostava das folias, por achar que não passavam de pessoas aproveitadoras que comiam, bebiam de graça e recebiam gratificações para cantar e declamar alguns “versinhos”. No entanto, o fazendeiro ficou espiando enquanto o empregado executava suas ordens e viu, assombrado, um boi se curvar diante da folia recusada. Mudando de idéia no exato momento do acontecido, o fazendeiro passou a ser devoto de Santos Reis, recebendo todas as folias que passavam diante de sua fazenda. Uma estória bastante parecida é contada por Rossini Tavares de Lima em seu livro *Folgedos Populares do Brasil*, que um fazendeiro não permitindo a entrada de uma folia em sua propriedade, teve seu gado morto, uma semana depois do acontecido.

Costumes - quando duas folias se encontram é costume que elas se desafiem, promovendo repentes entre os marungos e entre os mestres. A companhia vencedora pode ficar com a bandeira, instrumentos e partes dos adereços dos bastiões - coroa, máscaras e bastão ou espada - da outra, só devolvendo-os no próximo ano, quando a folia perdedora possuir o domínio da ciência e souber responder corretamente o que foi perguntado. Hoje em dia é raro isso acontecer, pois as folias evitam os encontros, já que, segundo o marungo Odair o costume gerava brigas entre as folias e para eles Reis significa paz. Para mostrar como

²² Superstição - Resulta essencialmente do vestígio de cultos desaparecidos ou da deturpação ou acomodação psicológica de elementos religiosos contemporâneos, condicionados à mentalidade popular. São milhões de gestos reservas e atos instintivos, subordinados à mecânica do hábito, como gestos reflexos. As superstições participam da própria essência intelectual humana e não há momento na história do mundo sem sua inevitável presença. A superstição é sempre de caráter defensivo, respeitada para evitar o mal maior ou distanciar sua efetivação. Os sinais exteriores são amuletos que, incontáveis, transformaram em adornos e jóias e vivem na elegância universal dos nossos dias. Essa legítima defesa estende-se às zonas mais íntimas do raciocínio humano e age independente de sua ação e rumo. (Cascardo, 1954, p. 837).

funciona este costume usaremos a passagem das três árvores, onde um marungo pergunta ao outro em forma de versos como se deu a história do nascimento de Jesus:

“O que está escrito na escritura é que Jesus veio ao mundo através de uma virgem protetora. Quero que você me conte de onde surgiu a madeira da manjedoura”?

“A primeira dizia que não era por egoísmo e nem por brincadeira, mas quando crescesse e depois de madura, gostaria que se fizesse um bom uso de sua madeira. Que dela fosse construído um berço lindo para o uso da maior autoridade, desde a criação da terra para toda eternidade. Pois a pequena árvore cresceu e um lenhador com golpes de machado, a tão madura árvore derrubou. Agora veja o destino dessa árvore que o próprio mundo marcou. Depois de cortada foi vendida a um fazendeiro que era rico demais, e por não dar valor algum naquela madeira, mandou fazer um simples coxo para tratar de seus animais. A árvore que, desde a criação da terra para sempre, gostaria de ser o mais lindo berço da maior autoridade, foi um simples coxo de madeira que serviu de berço para o Rei dos Reis que nasceu pobre, mas o seu nascimento e o local onde nasceu é o único que ficará para toda eternidade” (Resposta do marungo ao mistério da primeira árvore).



Imagem representando a primeira árvore, transformada na manjedoura.

“Te respondendo a pergunta da manjedoura em nome dos três reis coroado. Quero que você me conte de onde surgiu o barco que Jesus era transportado?” (Pergunta feita ao marungo desafiado).

“A segunda árvore pediu que depois de grande era para usar sua madeira em uma construção de carruagem dos homens da lei, e que nela se transportasse o tesouro do grande rei. A árvore cresceu, foi cortada e a sua madeira vendida a um construtor, que dela construiu um lindo barco e vendeu a um pescador. Essa árvore que queria transportar o tesouro do grande rei e ser uma linda carruagem, foi ela que, através de um simples barco, por várias vezes transportou o Maior dos reis sobre o riacho, para que ele pregasse suas orações do outro lado da margem” (Reposta do marungo desafiado sobre a segunda árvore).

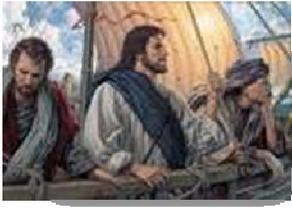


Imagem representando a segunda árvore, transformada no barco.

“Que encontro tão bonito dos pastores dos Santos Reis em homenagem a Jesus, você pode me falar um pouco da história da sagrada cruz?”

“A terceira árvore disse em oração que os seus sentimentos são nobres, e que os maiores reis da terra perante eles são os pobres. Mas ela gostaria muito que a sua madeira cumprisse um grande papel, se transformando em um marco e marcasse para sempre o caminho do Céu. Essa árvore cresceu e depois de muito tempo com a sua madeira bem madura ela foi derrubada. Sua madeira por ser de boa qualidade foi vendida para um depósito de madeira e ali permaneceu guardada. Vou lembrar-me das últimas horas de Jesus para você saber para onde esta madeira foi destinada. Jesus Cristo quando foi preso por causa de um traidor, os romanos, depois de interrogá-lo, não acharam crime algum que pudesse condená-lo. Foram os príncipes sacerdotes que se uniram ao povo em um só grito que soltasse o “*Barrabais*” e crucificasse Jesus Cristo. Para satisfazer o povo Pilatos lavou as mãos, e Jesus por não ter crime foi entregue a multidão. Pois é aí que surge o destino da terceira árvore, usaram sua madeira para construir uma grande Cruz, e lá no alto do calvário foi o local onde crucificaram o nosso bom Jesus. As orações das três árvores por mais simples que elas tenham sido feitas, lá no reino da glória por Deus Pai elas foram aceitas. A terceira se tornou um marco e foi a única que, sem alma, foi para vida celestial cumprindo um grande papel se tornou o símbolo de Jesus e para sempre marcou o caminho do Céu”.



Imagem representando as três árvores.

Imagem da crucificação de Cristo, terceira árvore transformada na cruz.



Oh amabilíssimos Santos Baltazar, Melquior e Gaspar!
 Fostes vós avisados pelos Anjos do Senhor
 Sobre a vinda ao mundo de Jesus, o Salvador,
 e guiados até o presépio de Belém de Judá, pela divina estrela do céu.
 Oh amáveis Santos Rei, fostes vós os primeiros a terem a ventura
 De adorar, amar e beijar a Jesus Menino
 e –lhes oferecer a vossa devoção e fé, incenso ouro e mirra.
 Queremos, em nossa fraqueza, imitar-vos, seguindo a Estrela da Verdade.
 E descobrimos o Menino Jesus, para adorá-lo.
 Não podemos oferecer-lhe ouro, incenso e mirra, como fizestes.
 Mas queremos oferecer-lhe o nosso coração contrito e cheio de fé.
 (Oração de Santos Reis- Catedral da Colônia- Alemanha)

2.3 - FOLIAS DE REIS EM TRÊS CORAÇÕES

Em nome de Deus começo nesta abençoada hora
 Pai, Filho, Espírito Santo, São José e Nossa Senhora
 Pai, Filho, Espírito Santo, dê-me voz para cantar
 E também um ajudante, para vim me ajudar
 Louvado seja meu Deus, meu coração alegrou
 Aqui está o contramestre, os Três Reis do Céu mandou
 Meu divino Santos Reis peço agora o ajudante
 Na hora que precisar, sua voz é importante
 Venha agora estou chamando
 O contrato e o caixeiro traz os vossos instrumentos
 Peçam licença primeiro
 Cantador da quarta voz, o da cinco e o da seis
 Nesta hora de alegria, vêm cantar para os Três Reis
 Capitão e Coronel
 Não repare meu chamar, se estiverem em condições
 Também queiram apresentar, numa bonita harmonia
 Com licença do festeiro, vamos dar a primeira viva
 Aos Três Santos verdadeiro, viva Deus primeiramente
 Belchior e o Reis Gaspar, São José e Santa Maria
 Viva o Rei Baltazar e a linda estrela Guia
 São José e Nossa Senhora e o Filho de Maria
 (Canto de Saída – Tirando a Bandeira da Casa)

A Folia de Reis é a festa mais antiga e tradicional da cultura popular na cidade de Três Corações. Estudos realizados, através de pesquisas e perguntas com os habitantes da cidade, entre eles admiradores, devotos e Foliões de Santos Reis, apontam que esse ritual acontece na comunidade tricordiana há mais de cem anos. Não se sabe ao certo como esta festa surgiu em nossa cidade, mas sabemos que começou nas áreas rurais na época dos escravos, que transmitiram esta tradição para seus filhos, e que, anos depois, trouxeram-na para as áreas urbanas. Tais informações levam-nos a crer que, em Três Corações, esta festa veio com os portugueses, mas sua propagação realizou-se através dos negros e de seus descendentes após a abolição e a migração das fazendas para a cidade. Portanto, as folias tricordianas podem ter mais influências africanas do que portuguesas. Muito significativo é o mito de Melchior,

Brechó ou Belchior ser um rei negro dentre os que visitaram Jesus. A narrativa bíblica mostra um encontro étnico, cuja origem confirma que a folia é uma festa cultural moldada por várias etnias. Giovannini, traz em seu livro estudos de Gomes e Pereira sobre as influências africanas presentes na Espanha e Portugal no século XVI e XVII (Oswaldo Giovannini Junior, 2005, p. 38). Este tipo de celebração sofreu transformações muito significativas no decorrer dos anos pela forte presença dos negros, que persistem até os dias de hoje nas companhias, evidenciando resíduos culturais de outros lugares que se uniram e se moldaram à festa que é realizada nos tempos atuais.

Hoje a cidade conta com quarenta e duas folias, espalhadas por todos os bairros e áreas rurais, sendo que trinta delas possuem registro na Liga Tricordiana das Folias de Reis, (Litricor) que presta assistência aos foliões, além de promover eventos trazendo folias de outras regiões e festas afins. Como aconteceu no dia dezesseis de janeiro, com a presença da Congada da cidade de Cambuquira numa concentração de vários folguedos em Três Corações. Com a renda proveniente destes eventos, a Liga promove mais festas. Parte do dinheiro arrecadado é doado para compras de cestas básicas e remédios distribuídos às pessoas carentes da comunidade e o restante serve para manter a Associação. A Litricor foi fundada em dois de junho de 1991 por foliões preocupados em manter a tradição. Odair, vice-presidente da Liga e marungo da Folia União dos Companheiros nos disse que as folias em Três Corações estavam acabando. A população estava descrente em função do comportamento de alguns que não levavam a ciência e a tradição a sério. Realizou-se, então, uma reunião na Câmara Municipal de Três Corações para a formação da primeira diretoria, composta por dezesseis membros²³ escolhidos por todos os presentes. A Litricor nasceu com a finalidade de cuidar dos interesses das folias e promover o desenvolvimento das festas, encaminhando as folias ao destaque no cenário do folclore do Sul de Minas.

Pudemos observar através do documentário Terra de Reis²⁴, que reúne depoimentos de vários cidadãos tricordianos, tais como foliões, funcionários da Casa da Cultura e autoridades

²³ Membros da primeira Diretoria da Litricor (Liga Tricordiana das Folias de Reis), quando de sua fundação: Presidente de honra- Paulo Afonso Sandy, Presidente da Liga- Rui Ferreira Medeiros, Vice Presidente- Joaquim de Souza, Primeiro Secretário- Paulo Lourenço de Freitas, Segundo Secretária- Márcia Aparecida de Souza, Primeiro Tesoureiro- Airton José Gonçalves, Segundo Tesoureiro- José Gonzaga, Conselheiro Fiscal: Jaime Darci, Adair Lourenço da Silva, Marco Aurélio de Moraes, Suplentes: Luciano de Souza, Geraldo Antônio Inácio. Composição Atual da Liga- Presidente de honra- Marcelo de Souza, Presidente da Liga- Carlos Roberto de Souza, Vice Presidente- Odair Martins Lemes, Primeiro Secretário- Sebastião Ribeiro, Segundo Secretário- Francisco Breves, Primeiro Tesoureiro- Joaquim de Souza, Segundo Tesoureiro- Jaime Darci, Conselho Fiscal: Luciano Pedro de Souza, Sinésio Feliciano, Suplentes: Adair Lourenço da Silva, Claudinei de Souza, Diretor Jurídico- Dr. Vanderlei Toledo.

²⁴ Documentário: Terra de Reis - Realizado na cidade de Três Corações.

religiosas, sobre a importância da Folia de Reis para a cidade. Três Corações vê as folias como uma festa folclórica e religiosa que já se incorporou à cidade como parte de sua história e patrimônio cultural. A festa tipicamente regional foi trazida pelos portugueses durante o período de colonização do Brasil e difundiu-se pelo país como mostra Câmara Cascudo. Cascudo nos diz que no século XVI “inicia-se a dramatização com canto, dança, recebendo contribuição dos cantos populares e a produção literária anônima em louvação ao Divino Natal.” “Essas folias têm versos próprios para pedir, agradecer e retirar-se” (Dicionário do Folclore Brasileiro, 1954, p. 402).

As folias eram, no início, uma extensão do que as pastorinhas faziam pelas cidades, e ao longo do tempo, foram se remodelando e ganhando um aspecto independente, acrescentando novos ritos e se diferenciando pela música, dança, poesia, vestes e personagens que representam um determinado acontecimento. Cascudo descreve estas festas com sendo: “Uma ação teatral de assunto sacro, vivido por pessoas simples, com o aproveitamento satírico e lírico” (Cascudo, 1954, p. 682).

A Folia de Reis é um produto da assimilação, junção, recriação e incorporação destes povos e, hoje, é uma das tradições mais ricas em crenças do Brasil e a mais rica e antiga manifestação da cultura popular de Três Corações.

Partindo do pressuposto de que, pela tradição, a cultura popular vem resistindo em sua estrutura às transformações da contemporaneidade, o foco desta pesquisa é mostrar a festa que celebra o Natal como um movimento não só cultural, mas também artístico. Uma celebração proveniente de um tempo onde poesia, canto, música e dança eram unidas e incorporadas por diversos povos para celebrar suas crenças, suas datas festivas e marcar sua identidade através da expressão artística, já que a marca maior de um povo é a forma como ele se expressa no mundo.

Pudemos observar ao longo de nossas pesquisas que o surgimento e a entrada de novos componentes nos grupos de Folias de Reis ocorrem geralmente para se cumprir promessas de um devoto que já participava, ou não, de uma determinada Folia. Ao obter a realização de uma graça, na maioria das vezes em questões ligadas à saúde, o devoto retorna à companhia ou encaminha para a Folia um filho, afilhado, ou outro parente, como forma de agradecimento. Outro fator muito marcante que pudemos constatar são as lembranças, a memória transmitida aos descendentes de quem participa ou já participou da festa. Familiares

dos foliões crescem ouvindo as histórias sobre promessas, milagres e coisas fantásticas (superstições) que acontecem dentro das companhias de Reis e com os devotos de Santos Reis.

No documentário Terra de Reis aparecem várias histórias contadas pelos foliões. Em toda folia acompanhada, há uma história ligada a uma promessa e, por meio desta, a realização de um milagre, como é caso de Sebastião “Bola”. Bola se emociona ao contar as histórias narradas por sua mãe quando ele era apenas um menino. Diz ele que sua mãe prometera aos Santos Reis servir almoço a uma companhia, caso seu marido (padrasto de Bola) parasse de beber e de agredi-la. Milagrosamente, em uma noite de Natal, o padrasto decidiu parar de beber e, relata Bola, nunca mais retornou ao vício. Desde então, na casa de Bola, todos os anos, há uma mesa farta esperando a Folia de Reis União dos Companheiros, entre outras. O almoço é combinado com antecedência pela família de Bola, que o oferece para manter a tradição e pela fé que possuem no festejo.

2.4 - JORNADA DA FÉ

O que é da terra é da terra, e fala da terra.
(Evangelho de s. João, 3, 31.).

A jornada de uma Folia de Reis consiste em seguir representativamente os passos dos três Reis Magos. O embasamento para “esta imitação” se encontra no Evangelho de Mateus, que descreve três reis vindos do Oriente que, guiados por uma estrela, iniciam uma longa viagem em busca do Messias, passando este a ser o fundamento mítico e o ponto central para a iniciação do ritual. Esta jornada dura entre onze ou doze dias e conta com uma pequena interrupção para que os foliões passem o ano novo com suas famílias.

Ao longo desse processo, os foliões cumprem sua jornada e “anunciam ao povo a chegada do Deus Menino ao mundo”.

O significado da Folia começa, portanto, a partir do momento em que se inicia a “viagem”, com o cortejo espalhando muita alegria nas ruas e nas casas onde são convidados a entrar para anunciar a chegada do Menino Jesus. A jornada inicia-se com a Saída, termo que os foliões usam para marcar o começo da peregrinação. Acompanhamos a Saída da Folia de Reis União dos Companheiros, na casa do Mestre Capitão Carlinhos Bunhão, localizada no bairro Però, periferia de Três Corações, no dia vinte e cinco de dezembro. Começamos nossa caminhada naquela morada, onde havia várias pessoas reunidas, além da família do mestre

Carlinhos. Na Saída estavam presentes as famílias dos foliões e vizinhos, todos unidos por um só motivo: celebrar o dia em que o Menino Deus veio ao mundo e a viagem feita pelos três Magos para encontrá-lo.

Os rituais de Saída tiveram seu início com a reza de um terço que deu abertura para os componentes da Companhia realizarem suas canções e versos, saudando primeiramente o nascimento do Menino Jesus, Maria, José e os três Reis Magos do Oriente. Encerrando o ritual foram realizados pedidos de graças e agradecimentos aos donos da casa, aos demais participantes. Os componentes fizeram, então, o pedido de proteção ao grupo em sua jornada pelas ruas e casas de Três Corações. Findos os ritos, seguimos pelo bairro com muita alegria. À medida que o tempo passava, percebemos nos foliões, principalmente nos marungos, responsáveis por fazer versos de maneira improvisada²⁵, um estado de transe, uma espécie incorporação, o que nos fez perceber semelhanças com a figura do poeta primitivo mencionado por Spina em sua obra *Na Madrugada das Formas Poéticas*, onde o autor se refere a esta figura como o “Vate” que significa: “possesso”, “inspirado”, “poeta vidente”. No segundo dia de nossa jornada seguimos com a mesma folia, União dos Companheiros, num almoço que aconteceu na casa de Dona Nilsa e seu filho Etinho, onde se iniciaram as gravações do documentário Terra de Reis e onde colhemos depoimentos muito ricos. Etinho simboliza toda a fé que envolve a Folia de Reis, pois sua participação no folguedo acontece em decorrência de uma promessa feita em seu nome por sua avó em busca da cura de um problema de saúde. Pudemos acompanhar o começo e o fim desta história, pois no último dia visitamos à casa de sua avó, agraciada pelo cumprimento da promessa que havia feito por seu neto, diante da bandeira de Santos Reis.

Constatamos que, a partir do que vimos e ouvimos, a promessa e sua realização são elementos decorrentes e iluminadores deste ritual, podendo-se até dizer que este conjunto é um dos principais fatores que levam as pessoas a se tornarem devotos dos três Reis Magos materializados por sua bandeira. A fonte de energia que alimenta a Folia de Reis é a fé, tomada no sentido de “religare”. A fé provoca as pessoas que crêem, que se valem dela para pedir o que almejam oferecendo algo em troca, que se doam ao próximo em nome dos Santos Reis, criando uma espécie de catarse, uma externalização, um pôr para fora o que no homem já é inato e real.

Colocar-se, por assim dizer, no interior desse fenômeno é ocupar necessariamente um ponto privilegiado, a partir do qual as perspectivas contemplam a totalidade do

²⁵ Improvisada – súbita, repentina, inventada, composta na hora, recurso utilizado pelos marungos na Folia de Reis.

que está na base dessas culturas, na fonte de energia que as anima irradiando os aspectos de sua realidade (Paul Zumthor, 1993, p. 10).

No terceiro dia ainda com a Folia União dos Companheiros, agora no bairro Triângulo, acompanhamos sua preparação e pudemos presenciar o ritual acerca do repouso da bandeira e dos instrumentos. A bandeira e os instrumentos são sempre guardados na casa de um dos foliões ao final de cada dia de jornada. O material é posto geralmente em um cômodo da casa, mais especificamente no quarto. A bandeira descansa em cima da cama e os instrumentos ficam a sua volta. Pela manhã todos se reúnem nesta casa onde se trocam, cantam e organizam a Folia para novamente sair pelas ruas do bairro e serem recebidos nas moradas. Neste mesmo dia, na parte da tarde, mudamos nosso foco e nossa fonte de investigação passa ser a Folia de Reis Nossa Senhora das Graças. Pudemos notar nesta folia a existência de mais marungos, o que nos possibilitou ver as variações nas folias e nos certificar do que já havíamos abordado no capítulo anterior: as mudanças periféricas desta manifestação. Junto a esta Folia, participamos de uma missa na Igreja Matriz Sagrada Família para a benzedura da bandeira desta companhia pelo sacerdote.

No quarto dia, caminhamos ao lado da Folia de Reis do Gringo, umas das mais antigas de nossa cidade, mas não a mais tradicional. Enquanto seguíamos com os foliões do Gringo, pudemos observar algumas alterações em sua forma de realizar o ritual, como por exemplo, o número considerável de marungos participantes e a sofisticação de suas performances. Tais variações podem ser vistas no documentário Terra de Reis, com meninos desafiando a gravidade com saltos mortais, em trajes de chitão e tênis de marcas famosas. Uma fotografia “antiga” em uma moldura “moderna”.

Mais tarde, encontramos-nos com a Folia Nossa Senhora das Graças e seguimos com ela, pelos bairros Santana e Parque São José. No percurso, nos deparamos com um grupo de Pastorinhas, formado por meninos e meninas, em sua grande maioria.

Consta em algumas literaturas que a Folia de Reis surgiu a partir da festa das Pastorinhas, também de origem portuguesa. Constituída somente por mulheres que se reuniam no Natal para celebrar o nascimento de Jesus e receber gratificações nas casas por onde passavam e cantavam. Uma festa folclórica bem parecida com a Folia de Reis, porém se distingue pela forma e onde, hoje, é possível perceber a chegada de uma variação, pois o que antes era inaceitável passa a ser aceito, tal como a presença de figuras masculinas entre as Pastorinhas. Uma situação bem diferente da encontrada na Folia que nós seguíamos, pois ali não havia nenhuma presença feminina além da minha. Diz mestre “Branco” que quando os três Reis Magos fizeram sua caminhada não havia nenhuma mulher, e colocar uma figura

feminina no grupo, significa não ser totalmente fiel a mimese nele contida. Na Folia União dos Companheiros notamos a presença de mulheres acompanhando o grupo, e sua fidelidade à tradição é garantida pela conservação dos três marungos como sendo os três soldados enviados por Herodes e convertidos pelo amor ao Menino Deus.

No quinto dia, ao invés de caminharmos com as folias, elegemos como objeto de nossos estudos, a investigação junto a “autoridades” religiosas e funcionários da Casa da Cultura Godofredo Rangel, localizada no centro de Três Corações, a fim de ampliarmos nossos horizontes acerca da manifestação artística. Percebemos que as concepções mudam de acordo com o ambiente. Na visão do Padre Guilherme e do Bispo Dom Thomé, estes festejos estão diretamente ligados a fé e a religião. Já na visão de Lúcio Lorena, funcionário da Casa da Cultura, esta festa é um patrimônio cultural da cidade e, em nenhum momento da entrevista, Lúcio mencionou algo relacionado com a fé e religiosidade, restringindo sua fala ao folclore e a cultura.

No penúltimo dia, visitamos casas. Neste dia, escolhemos a Folia do Triângulo e mestre Onofre nos recebeu na casa de um devoto, no bairro Cotia, onde foi servido a todos uma farta ceia. É costume dos devotos de Reis oferecerem às Companhias um almoço ou uma janta, geralmente em agradecimento por uma graça alcançada ou em cumprimento de uma promessa. Desta forma, estes encontros de confraternização unem as Folias e a população tricordiana. Esses almoços ou jantares são sempre combinados com antecedência e todos que assim o desejarem podem ter alguma Companhia de Reis almoçando ou jantando em sua casa, acompanhados por muita música, reza, versos e dança.

No último dia de nossa jornada, dia de Santos Reis, acontece à entrega da promessa, a chegada da bandeira. Neste dia as folias cantam versos de profecia e fazem muitas orações. Muitos grupos visitam igrejas, participam da celebração da missa e de uma novena realizada na Igreja Sagrado Coração em louvor aos Santos Reis Magos.

Nossa jornada se encerrou junto à Folia de Reis União dos Companheiros, onde também iniciamos nossas pesquisas de campo. A entrega da promessa e a chegada da bandeira foram realizadas na casa de Dona Joana, avó de Etinho, mencionado no começo deste capítulo, e onde o documentário Terra de Reis se encerra. Havia uma multidão acompanhando o fim da peregrinação. Todos foram recebidos com muita fartura de comida, de bebida e de emoção. Dona Joana recebeu a bandeira e abriu a porta de sua casa para todos nós que chegamos ao fim do ritual de celebração do nascimento de Jesus.

3 - FOLIA DE REIS E SUA RELAÇÃO COM O MITO

Desde as civilizações mais antigas até os dias atuais, os povos celebram suas datas comemorativas de diversas formas, sendo que muitas destas formas de celebrar se realizam através de rituais, de acordo com suas crenças, seus saberes e identidade, se expressando de uma maneira diferenciada para louvar seus deuses. Sobre estes rituais festivos, acompanhados de músicas, danças e poesias é que trataremos no terceiro capítulo do trabalho.

Para tanto, iniciaremos o assunto discorrendo sobre o “mito” termo que, neste caso, precede o ritual e de certa forma explica sua origem. Juliana de Vasconcelos, em sua dissertação de mestrado sobre o Congado: Uma Celebração do Hibridismo Afro- Brasileiro diz o que é mito:

É uma forma de explicar a origem das coisas e do mundo, a realidade por meio de histórias sagradas, deuses e heróis que são considerados sobrenaturais das quais provém o equilíbrio e a confiança por meio de ações mágicas e adorações de deuses e objetos tidos como sagrados. As ações dos heróis ou deuses sobrenaturais são vistas como um modelo exemplar e devem ser ritualizadas, pois o rito, como as danças, cerimônias e outras, é a forma de colocar em ação o mito na vida do Homem (VASCONCELOS, 58, p. 2007).

Muitos e complexos são os conceitos que abarcam este assunto, José Trindade Serra²⁶ em um artigo escrito para a Revista Cultura, sobre o mito, conta-nos que: “o “espaço” do mito é este, que transcende uma e outra ordem, onde se faz ainda uma experiência dos possíveis; descreve neles a trajetória que leva à necessidade, à convenção e à regra pelo curso de um agir extraordinário.” Então, o mito dentro deste espaço, ao qual se refere Serra, seria a realização de celebrações partindo de um ponto transcendente, que através do ritual torna a festa parte de uma realidade. Podemos dizer que o mito é uma pluralidade sintetizada pelo rito, que por sua vez se constitui através de vários elementos e formas de expressar que possibilitam ao povo um “retorno” simbólico à em que época que o Menino Deus veio ao mundo.

O mito, comemorado pela festa, seria o modelo exemplar que dá sentido à realidade. A sua representação periódica se ligaria à necessidade de renovação, de restauração momentânea do tempo primordial, ao qual o homem é projetado por meio da imitação ritual dos arquétipos. (ELIADE, apud, VASCONCELOS, 2007, 58).

²⁶ SERRA, Revista Cultura, 1997, nº 26, p. 33.

Para Crippa²⁷ “os mitos não são apenas narrativas que orientam ações, eles são também uma experiência de realidade que confere sentido ao mundo e permite ao homem entender ao homem sua própria existência”.

Dentro da festa da Folia de Reis, o mito fundador se encontra no Novo Testamento, como já dissemos, onde Mateus em poucas linhas narra a visita que os Três Reis Magos fizeram ao Menino Jesus. A partir desta passagem bíblica, a Folia celebra seus ritos, através da representação\imitação realizada ano após ano. Em uma data específica inicia-se jornada dos Magos ao encontro do messias: “Cada Folia recriou o evento mítico a situação vivencial do agrupamento (...) e hoje temos processos rituais diversos” (GOMES E PEREIRA, 1995, p. 67).

Diz o mito que, quando os três Reis Magos, Gaspar, Melchior (ou Belchior) e Baltazar, viram a Estrela de Belém no céu, foram ao encontro de Jesus, que havia nascido. Ofereceram ao Menino Jesus, como presente, ouro, incenso e mirra, que simbolizavam a realeza, a divindade e a imortalidade. Segundo a tradição, um era negro, o outro branco e o terceiro moreno, representando toda a humanidade. Muitos países celebram a data, e a Folia de Reis é comemorada de modo particular em cada região do Brasil. Em alguns países europeus, a Festa de Reis é celebrada com mais solenidade que o Natal e os presentes são dados no dia 6 de janeiro. Nessa data, os magos são colocados no presépio e o Menino Jesus na manjedoura é trocado por um maior, que fica no colo da Virgem Maria. Na Espanha, a data é chamada de Festa de Reis. Na Itália, festa da "Befana" (uma velha bruxa que dá presente para as crianças). No dia de Reis é costume desfazer as decorações natalinas, guardar os enfeites e desmontar os presépios.

Eliade nos explica que: “é o mito uma história sagrada na qual graças a forças sobrenaturais, uma realidade, um comportamento humano ou seres passaram a existir desde o princípio. É a narrativa de uma criação.” (ELIADE, apud, VASCONCELOS, 2007, p. 58). Seguindo a explicação de Eliade, a Folia, a partir desta narrativa, explica ao homem a origem das coisas, constrói o rito que, por sua vez, contém elementos transformados e adaptados de acordo com a realidade das pessoas que o realizam. Nas escrituras bíblicas não consta relatos sobre a jornada em si, mas há uma narrativa sobre uma história, uma criação e a partir desta “criação” cria-se um ritual que envolve vários aspectos simbólicos. Pelo mito são relatadas histórias sagradas que servem para orientar comportamentos e conferir sentido à existência. Além disso, os mitos têm a função cultural de guardar tradições, memórias e identidade, pois

²⁷ CRIPPA, 1997, 15.

as explicações fundamentadas em mitos possibilitam, a determinados grupos e comunidades em geral, reviver e realizar feitos que outrora foram celebrados por seus ancestrais, favorecendo a recuperação de antigos costumes e valores de um “povo”, satisfazendo suas realidades sociais e religiosas. “A folia para nós, não é brincadeira não, é folclore, é fé, é trazer de novo os Três Reis Magos e o Menino Jesus na terra. Sim, sinhô”! (Fala de Seu Canhoto, um dos mestres violeiros da Folia de Reis do Gringo).

3.1- O RITUAL

O ritual da Folia começa, todo ano, no dia de Natal quando as companhias saem pelas ruas em um cortejo, dançando, cantando e oferecendo a bandeira nas casas por onde passam. Nestes festejos o lúdico\profano e o sagrado são bem definidos, pois pudemos ver que nas ruas há uma “liberdade” no modo de festejar dos foliões e as danças são mais soltas. Há apresentações de saltos mortais, versos que o marungo faz para moças bonitas que passam. Algumas Folias se servem de bebidas alcoólicas, sempre acompanhadas de música. Nas ruas as festas são realizadas sem reservas, o que gera muitas dúvidas na população sobre a seriedade dos foliões, de atos mais divertidos, que nem sempre são vistos com bons olhos. Neste clima de descontração nos é revelada a parte profana das Folias, onde o povo “inocentemente atinge o próprio sacrilégio, numa serena ausência de pecado” (Andrade, 1959, p. 24).

Já nas casas o ritual é revelado aos devotos de uma maneira mais “sagrada”. Realizado por meio de autos que partem da fala do marungo, ou melhor, da poesia do marungo e do canto entoado diante de imagens que representem uma divindade, podendo ser estas imagens altares ou presépios completos ou uma simples imagem do Menino Jesus. As saudações feitas pelos foliões acontecem de forma diferenciada, em casas nos quais os presépios são completos e mais enfeitados. Diz Odair²⁸ que “a inspiração é maior, quando fica diante de um presépio mais bem cuidado. Em casas que tem apenas uma imagem menor e menos enfeitada nossa inspiração também é menor. Não tem nada a ver com pobreza ou riqueza não, porque Jesus também era pobre, mas tem a ver com cuidado. A fé das pessoas aparece no cuidado que elas têm com o presépio. Tem casa aí que a gente vai que é pobrezinha mesmo, mas o menino Jesus tá lá glorioso como tem que ser e isso inspira, isso emociona.”

Nas casas as “brincadeiras” da Folia se tornam “mais sérias”.

²⁸ Odair - marungo da Companhia União dos Companheiros.

No segundo domingo após o Natal, as Folias de Reis de toda a cidade se encontram e juntas assistem a uma missa na Igreja de Reis, Sagrado Coração. Ao final da missa há uma novena, onde componentes das Folias junto com devotos homenageiam o Menino Jesus e os três Reis peregrinos que foram ao seu encontro.

3.2 – A PERFORMANCE DO MARUNGO : POESIA E DANÇA

“A oralidade não se reduz à ação da voz, expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar (...) os movimentos do corpo, são assim integrados a uma poética. Empiricamente constata-se (tanto na perspectiva de uma visão longa tradição quanto na dos sucessivos modos) a admirável permanência da associação entre o gesto e o enunciado; um modelo gestual faz parte da “competência” do intérprete e se projeta na performance” (PAUL ZUNTHOR).

Nas primeiras civilizações a arte da poesia oral ou declamação de textos, com ou sem ajuda de instrumentos musicais, esteve muito relacionada a espiritualidade e a narração dos heróis e suas batalhas. Estes são poemas orais que sobreviveram até nossos dias, alguns porque foram escritos em algum momento da história. Há evidências de poetas orais humorísticos e festivos, assim como poemas relacionados com o amor, podemos ver isto no em meados do século XII, no Trovadorismo, nas cantigas de Amor e de Escárnio.

Os poetas antigos, que não conheciam a escritura foram desenvolvendo recursos ligados à memorização que logo se chamaram, rima e ritmo. A divisão de frases em versos com o número de sílabas definido ajudava a manter o ritmo e o uso de fonemas similares ao final de certos versos que formavam as rimas e assim o poeta recordava o poema, a sequência dos versos e parágrafos.

Todavia, existem poetas orais da atualidade que aprenderam esta arte em sua infância ou juventude, com seus pais e avós como é o caso do poeta Marungo, dentro da Folia de Reis que como já expusemos no segundo capítulo é um dos principais componentes dentro desta manifestação, pois ele é o responsável por toda a performance, é alegria da festa. Nas Folias que acompanhamos, pudemos perceber que somente ele se veste de maneira diferenciada, utilizando máscaras. Suas vestes intensamente coloridas chamam a atenção e, junto de todo o grupo, ele realiza o espetáculo. Os marungos são chamados também de bastiões ou palhaços, sendo o responsável pela coreografia, criação e declamação dos versos dentro de uma Companhia de Reis, pois grande parte destes poemas acontece de forma improvisada. Outro elemento importante é que sem eles a Folia de Reis perde a graça e a estrutura. São eles que

caminham junto à bandeira, com roupas coloridas e de espada na mão provocam a adesão dos espectadores.

A origem do Palhaço ou Marungo possui algumas variações. Em algumas Folias eles representam o Rei Herodes, em outras os soldados enviados por este mesmo Rei para matar o Menino Jesus, mas que se arrependem ao encontrá-lo. Segundo a explicação dos participantes das Folias de Reis, eles são dois porque se fossem três seriam confundidos com os Reis Magos. Têm a função de fazer brincadeiras e de assustar o rei Herodes. Seja qual for sua representação, o marungo materializa a discussão dicotômica da humanidade na luta incessante e eterna entre o bem e o mal. Este personagem, em algumas Folias, representa uma força contrária, na figura do Rei Herodes ou uma força adversa que já existiu, através dos soldados que, tocados pelo amor de Deus, se arrependeram.

As histórias que constituem o mito são diversas. A partir destas crenças, que variam de Folia para Folia, se forma a composição dos marungos. Assim, há companhias que apresentam dois marungos representando os soldados arrependidos, três marungos que simbolizam os Reis Magos e outras que celebram o nascimento do Menino Jesus com cinco marungos, sendo que dois deles representam os soldados arrependidos e os outros três os Reis Magos. Odair, marungo da Folia de Reis União dos Companheiros, nos esclarece que uma folia que segue a tradição não ultrapassa o número de cinco marungos, pois mais que isto provoca uma descaracterização da representação e a história perde a verdadeira essência.

Zumthor nos diz em seu livro *Performance, recepção, leitura*: que a performance é o saber ser. “É um saber que comanda uma presença e uma conduta, um comportamento coordenado de espaços temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo” (ZUMTHOR, 2007, p. 31). Na fala do marungo Odair pudemos observar as palavras descritas por Zumthor. Nas entrevistas realizadas, Odair nos contou que sua poesia funciona como algo inexplicável que “vem” de acordo com o seu conhecimento da história de Santos Reis e do nascimento do Menino Jesus e do lugar onde ele está no momento. Em uma casa onde já conhece a história da família, por exemplo, os versos vão surgindo, ligando a história de Reis à história dos habitantes daquela casa. Sua voz acompanha a cadência, o ritmo dos instrumentos tocados pelos mestres violeiros. É a hora em que todos os componentes ficam em silêncio total, ouvindo a poesia rítmica do marungo. Os espaços concedidos ao marungo, entre o canto dos mestres e os versos acompanhados apenas pelos instrumentos musicais, são chamados de estribilho. Estes momentos das Folias lembram as celebrações realizadas nas eras medievais, pois conta nos Zumthor que:

Na civilização denominada medieval, a poesia (qualquer que seja seu status textual) assume as funções que a voz preenche na cultura de oralidade primária.(...) pelo fato de emergir, na linguagem no sentido, na prática social, de um passado muito antigo, com o qual os laços não são mais concebíveis em termos de uso. Sem dúvida, é por isso que tal poesia, nas formas que ela assim exibiu, destinava-se a desaparecer um dia, em benefício de uma literatura mais de acordo com um mundo presente. Nossa velha- poesia- em maior ou menor grau segundo suas partes, mas sempre fundamentalmente - é rito: sua função primordial é operar um feitiço, capaz de tornar presente aquilo que não o é, inserir ausência num simbolismo não apenas evocador mas também criador de uma outra coisa.(ZUMTHOR, 1993, p. 216).

Nas nossas Folias e sua poesia oral o que se torna presente é o próprio mito, ou seja, pela voz do marungo nos reportamos a um tempo passado aonde os três Reis Magos vão ao encontro do Deus Menino que acabara de nascer.

Jesus nasceu na folha do manjeriço e o capim foi o seu colchão e foi o filho de Deus.

Que deu a benção aos três reis que hoje em dia é representado pelos três “bastião”. Usando dessa máscara para rei Herodes enganar mais ele representa “Gaspá Brechó e Baltazá”.

Pois os “bastião” “tamém” adora o filho da mãe verdadeira na Folia de Reis e são “os único guardião” da bandeira. (verso composto pelo marungo Odair, membro da Folia de Reis União dos Companheiros).

O professor A.E.Hausman²⁹, da universidade de Cambridge, propõe a tese de que o prazer poético é orgânico, a “poesia é mais física que intelectual”, ou seja, vem do corpo, atingindo o emocional para, depois, atingir o intelecto até chegar ao racional. De acordo com os depoimentos realizados e, como já havíamos explanado antes, o marungo sente primeiro o ambiente que o cerca para improvisar seus versos, primeiro ele se emociona para depois emocionar o outro e como uma espécie de vate³⁰ ele declama suas poesias “improvisadas”, inserindo em seu texto detalhes do presépio, detalhes da casa. Aristóteles, no capítulo IV da Poética, versa sobre as causas que dão origem a poesia:

A tendência para imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos; por sua aptidão muito desenvolvida para imitação. Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos e nela todos experimentamos prazer. Como nos é natural a tendência à imitação, bem como o gosto da harmonia e do ritmo (pois é evidente que nos metros são partes do ritmo) nas primeiras idades os homens mais aptos por natureza para estes exercícios foram aos poucos criando a poesia, por meio de ensaios improvisados (ARISTÓTELE³¹, IV,s\p)

²⁹ HASMAN, op, cit. SPINA, 2002, 27.

³⁰ Vate- palavra de origem ítalo-céltica que tem o sentido de adivinho, no antigo irlandês, a mesma palavra- significa “posseço, inspirado”. Entre os povos nórdicos possui caráter mágico da pessoa do poeta, SPINA, 2002, 28.

³¹ Livro Poética em <http://www.pacc.ufrj.br/arquivospdf/poeticaaristoteles.pdf>

Assim é o poeta marungo dentro de uma Folia, posto que ele nada conheça sobre métrica, mas ao som da música compõe os versos rimados, nos levando a acreditar que, pelo ritmo intuitivo, a poesia improvisada ganha forma e beleza.

“Os três reis “saiu” pro mundo viajando sem parar
Cada um trouxe um presente para Jesus entregar,
Eis o presente que aqui eu tenho
Peço licença pra “entrega” ao mais novo rei da cidade de Belém”
(poesia composta pelo marungo Odair quando tinha cinco anos).

As poesias nas Companhias de Reis não são escritas de modo gramaticalmente correto, mas de forma a rimar. Este elemento, unido à dança e à música, vai moldando a atuação performática do marungo dentro de uma Folia. Ao marungo não compete o canto nem a música, mas, ao embalo desta, ele dança nas ruas e nas despedidas das casas informa-nos Brandão que:

“Folia” foi uma dança popular, profana, costumeira em Portugal no século XVI e XVII. Uma dança alegre, com homens vestido “à portuguesa”, com guisos nos dedos, gaitas e pandeiros. Ela foi trazida ao Brasil, e parece que depois do século XII teve alguma difusão em outros países (...). Desde pelo menos o século X os festejos medievais do Natal eram solenes e muito prolongados na sua duração. Ofícios e missas natalinos misturaram anjos, pequenos pastores e personagens da Sagrada Família em encenações dramáticas da noite do Natal. Este mesmo ofício aumentou o número de personagens e já no século XIII, reunia anjos e bichos e parteiras aos pastores. Aos poucos, também eles estenderam até a festa da Epifania, 12 dias após o Natal. Embora os festejos posteriores ao Natal fossem menos importantes do ponto de vista oficial, eram mais populares, mais dramatizados, e tenderam a se tornar o centro da produção dramática natalina. Entraram em cena, nos dramas, Herodes, soldados e com uma importância cada vez maior, os “Três Reis Magos do Oriente” Ali, embora o Menino Jesus continue sendo a figura de referência deixa de ser ele o ator principal, lugar pouco a pouco ocupado pelos três magos visitantes. Este drama (...) é representado diante do altar (BRANDÃO, 1994, 60 e 61).

Como nos explica Brandão ao longo dos anos foram inseridos vários personagens nos autos dramáticos natalinos, entre eles Herodes, os soldados e os Três Reis Magos, representados hoje nas folias pelos marungos. Os marungos dançam a “folia” nas Folias, mas esta dança foi convertida na Jaca, que como na “folia”, é realizada de forma alegre e ao som de um apito. O conjunto destes elementos, apesar de ser realizado em tempos distintos e não planejados, posto que o marungo tem liberdade para dançar na hora em que se sentir inspirado, é uno por do mesmo ritual, sendo representado pela mesma figura.

Voltemos a Aristóteles e sua Poética. No capítulo I, diz ele: “Há gêneros que utilizam todos os meios de expressão (...), isto é, ritmo, canto, metro, assim procedem os autores de

ditirambos³², de nomos³³, de tragédias, de comédias; a diferença entre eles consiste no emprego destes meios em conjunto ou em separado” (Poética Capítulo I- Da poesia e da imitação segundo os méis, o objeto e o modo de imitação). O sentido das danças na Folia é de cunho profano e, além de alegrar e animar as festas, elas também fazem a imitação dos soldados que se converteram assim que tiveram contato com o Menino Jesus, que para despistar o rei Herodes e os outros soldados se mascararam, seguindo os Reis Magos em sua jornada de louvor e boas novas.

Este conjunto todo (dança, poesia, música) convida as pessoas a interagirem com a manifestação, de forma a se identificar com a festa e por ela terem simpatia. Outro fato importante que envolve a performance é a memória, pois a performance lida com elementos visuais e sonoros, entre outros, que levam os simpatizantes da apresentação a se lembrarem sempre do evento. Paul Zumthor explica que a performance se liga as lembranças de criança de maneira natural e exemplifica narrando sua própria experiência quando morava em Paris. Diz ele:

Entro nesta matéria “performance” pela evocação de uma lembrança que não apenas me é cara, mas que está profundamente inscrita em mim, e permaneceu subjacente a tudo o que ensinei nos últimos quinze anos. Isto tem a ver com a minha infância parisiense, as idas e vindas entre os subúrbios onde habitavam meus pais e o colégio do nono distrito no qual, no começo dos anos 1930, eu fazia meus estudos secundários. Nessa época, as ruas de Paris eram animadas por números cantores de rua. Eu adorava ouvi-los: tinha meus cantos preferidos, como a rua do Fauboug Montmartre, a rua Saint-Denis , meu bairro de estudante pobre. Ora, o que percebíamos destas canções? Ora, éramos quinze ou vinte trocas- pernas em trupe ao redor do cantor. Ouvia uma árida, melodia muito simples, para que na última copla pudéssemos retomá-la em coro. Havia um texto, em geral muito fácil, que se podia comprar por alguns trocados, impresso grosseiramente em folhas volantes. Além disso, havia o jogo. O que nos havia atraído era o espetáculo. (...) Havia o homem, o camelô (...). Havia o grupo, o riso das meninas, sobretudo no fim da tarde, na hora em que as vendedoras saíam das lojas a rua em volta, os barulhos do mundo e, por cima, o céu de Paris que, no começo do inverno, sob as nuvens de neve, se tornam violeta. Mas ou menos tudo isso fazia parte da canção. Era canção. Ocorreu-me comprar o texto. Lê-lo não ressuscitava nada. Aconteceu-me cantar de memória a melodia. A ilusão era um pouco mais forte, mas não bastava, verdadeiramente. O que eu tinha então percebido, sem ter a possibilidade intelectual de analisar era, no sentido pleno da palavra, uma “forma”: não fixa nem estável, uma forma-força, um dinamismo formalizado; uma forma finalizadora, se assim eu puder traduzir a expressão alemã de Max Luthi, quando ele fala, a propósito de contos, de Zielform: não um esquema que se dobrasse a um assunto, porque a forma não é regida pela regra, ela é a regra. Uma regra a todo instante recriada, existindo apenas na paixão do homem que a todo instante recriada, existindo apenas na paixão do homem que, a todo instante adere a ela , num encontro luminoso. Passado sessenta anos, pude compreender que, desde então, inconscientemente, não cessei de buscar o que ficou,

³² Ditirambo - era poesia coral para honrar Dionísio. Segundo o dicionário Aurélio: Na origem do teatro grego, canto coral de caráter apaixonado, constituído de uma parte narrativa, recitado pelo cantor principal, e de outra propriamente coral, considerados companheiros do Deus Dionísio, em honra do qual se prestava essa homenagem ritualística.

³³ Nomos - tipo de canto religioso em nomos estilo de composição utilizado na época-Diz-se que esta foi a primeira associação feita entre a poesia e música.

em minha vida, aquele prazer que não, pude compreender que, desde então senti, o que ficou, em minha vida daquele prazer que então senti: o que me restou no consumo(em certos momentos bulímicos) que fiz ao longo dos anos, daquilo que chamamos de” literatura”. A forma da canção de meu camelô de outrora pode decompor, analisar, segundo as frases verificadas ou a verificação, a melodia ou a mímica do interprete. Essa redução constitui um trabalho pedagogo útil e talvez necessário, mas, de fato (no nível em que o discurso é vivido), ele nega a existência da forma. Essa, com efeito, só na performance”.(ZUMTHOR, 2007, p.28, 29).

Conhecer e vivenciar a poesia, a música, a dança e o saberes da cultura popular, fazendo com que a arte, a cultura, a fé e a devoção se encontrem com a comunidade na qual estão inseridas, da qual fazem parte, da qual traduz a alma, é embalá-la para que sonhe e reconstitua as histórias contadas por seus ancestrais. Reconhecer a grandiosidade da Folia de Reis, ao celebrar espetacularmente o nascimento de Jesus, leva à conscientização, cuja força preenche o vazio do esquecimento, ficando o evento para sempre na memória de quem por ele simpatize.

4 - CONCLUSÃO

Quando os portugueses vieram para o Brasil em busca de novas riquezas, encontraram os índios e, mais tarde, tiveram contato com negros, com quem se relacionaram, miscigenaram, “misturaram”. Esta “mistura” deu origem a várias formas de manifestações, estudadas dentro do contexto da Cultura Popular e do Folclore, uma vez que toda a manifestação de cultura popular é folclore, mas nem tudo que é folclórico faz parte da cultura popular. Estas produções artístico-culturais provenientes do “povo” contam, recontam e preservam a história, mantendo vivos os saberes, costumes e tradições de todos os brasileiros.

A Folia de Reis é uma das infinitas produções originária do encontro destes três grupos étnicos, que realiza sua festa de forma ritualística pelas ruas e casas do país, organizando-se de tal forma que é possível perceber a linha tênue que divide o sagrado e o profano, numa destas junções que são verdadeiras profissões de fé. Uma vez que, se por um lado, parte destes festejos é realizado com rezas em devoção e louvor aos Três Reis Magos e ao Menino Jesus, do outro lado estão as brincadeiras feitas pelo marungo, a bebida nos intervalos e a dança frenética, mostrando a humanidade em sua mais perfeita tradução, em sua eterna busca de si mesma através da crença, da fé, da espiritualidade.

Como os Reis Magos seguiram a Estrela Guia, a jornada sagrada completa suas obrigações de reciprocidade e estimula os participantes a continuarem sua caminhada. A música, a dança e a oração fornecem o meio para que a jornada se concretize, e através do verso, estimule o equilíbrio entre o mundano e o espiritual. É através da verdadeira expressão artística da Folia de Reis, que seus participantes e pessoas da comunidade, manifestam seus desejos e cumprem suas obrigações religiosas e sociais. E, desta forma, através destas manifestações folclóricas\ culturais os povos se mostram ao mundo.

Em Três Corações, esta religiosidade é palpável, historicamente inserida na “alma” dos tricórdianos que aguardam ansiosamente a chegada da bandeira para abençoar seus lares e garantir mais um ano de saúde e prosperidade.

Durante nossa peregrinação junto às Folias e da observação de todo o processo de realização dos festejos, notamos a devoção e a fé que os foliões e a comunidade como um todo têm pelos Santos Reis. O respeito da população tricórdiana para com as Folias, mesmo aquele que afirma não gostar e que pouco sabe da festa de Reis, se identifica com a memória sacra, mantendo uma posição respeitosa, e até mesmo de temor, diante da bandeira, dos marungos, da Folia em si.

Assim, através e a partir deste ritual, o mito se concretiza, fazendo-se presente na crença das pessoas que comemoram, ano após ano, o nascimento de Cristo e a longa viagem dos Reis Magos ao seu encontro. Podemos afirmar, com certeza, que é a fé a mantenedora desta tradição. É a fé quem fortalece ainda mais a identidade cultural da Folia de Reis, do povo de Três Corações.

Assistir a esse espetáculo é apreciar a história cultural de um povo, seus símbolos e representações que revelam não somente um acontecimento narrado na Bíblia, mas a história de cada um que realiza e comemora a tradição, passando-a de geração em geração, de rua em rua, de porta em porta, de coração em coração, oferecendo bênçãos, distribuindo conhecimento e preservando a memória de seus ancestrais. Acompanhar a Folia de Reis, integrar-se a ela, é uma experiência de dedicação, uma vivência emocional da fé, da religiosidade de um povo. A cada história antiga ou recente, a cada milagre narrado por aquele que o recebeu ou por alguém que ouviu seu avô contar sobre o filho do filho de sua vizinha, a cada momento de devoção diante do presépio, a cada canto, a cada reza, a cada Corta-Jaca, percebe-se a importância desta Festa para a cultura, a memória e para a manutenção da fé de todo povo tricordiano.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário. Danças Dramáticas do Brasil, São Paulo, Topo I: Livraria Martins. 1959.

ARANTES, Antônio Augusto. O que é Cultura Popular, São Paulo: Brasiliense S.A, 1988.

ARISTÓTELES. Poética disponível em:
<http://www.pacc.ufrj.br/arquivospdf/poeticaaristoteles.pdf> - acessado em 14/04/2011 às 19h

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Folclore, São Paulo: Brasiliense S.A, 1984.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura, Tradução. Mirian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CASCUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A, 1954.

CHAVES, Wagner Diniz. Na Jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do mestre Tachico, f.153 Dissertação (Antropologia Social) Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CRIPPA, A. Mito e Cultura. São Paulo: Convívio, 1975.

FERNANDES, Florestan. O Folclore em Questão, São Paulo: HUCITEC, São Paulo. 1978.
GARBOSI, Francisco. Mensagens e Embaixadas da Folia de Reis, Londrina: Bird Gráfica LTDA, 1994.

GOMES, N. P.; PEREIRA, E.A. Do presépio à balança: representações sociais da vida religiosa, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

JÚNIOR, Oswaldo Giovannini. Folguedos da Mata. Um Registro do Folclore da Zona da Mata, Leopoldina: Companhia Força e Luz, 2005.

JÚNIOR, Manuel de Diégues. Cultura Brasileira: suas raízes; suas características,p.42 a 46, Recista Cultura, Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1977.

LIMA, Rossine Tavares de. Folguedos Populares do Brasil, São Paulo: Linográfica. LTDA. 1962.

SALLES, Vicente. O Folclore no Brasil, p. 120 a 128, Revista Cultura, Brasília, nº 26 Ministério da Educação e Cultura, 1977.

SANTOS, José Ramos. O que é Cultura, São Paulo: Brasiliense S.A, 1994.

SERRA, Ordep José Trindade. Considerações sobre o mito e a mítica, p 31 a 37, Revista Cultura, Brasília, nº26, Ministério da Educação e Cultura, 1977.

SPINA, Segismundo. Na Madrugada das Formas Poéticas, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

TINHORÃO, José Ramos, Pequena História da Música Popular, São Paulo: Vozes LTDA, 1972.

VASCONCELOS, Juliana de. Gongado: Uma Celebração do Hibridismo Afro- Brasileiro. 74 f. Dissertação (Linguagem, Cultura e Discurso)- Mestrado em Letras, Universidade Vale do Rio Verde - UNICOR, Três Corações: 2007.

VIANNA, Hildergardes. Ternos e Ranchos de Reis na Bahia. p.81a 86, Revista Cultura, Brasília: Ministério da Educação e Cultura, nº26, 1977.

ZUMTHOR, Paul. A letra e Voz, Tradução. Amália Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira, São Paulo: Schwarcz LTDA, 1993.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura, Tradução Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich, São Paulo: Cosacnaify, 2007.

APÊNDICE

Documentário “Terra de Reis”

O documentário Terra de Reis surgiu da união de apreciadores e amantes da Folia de Reis, com a finalidade de registrar, enriquecer, exaltar e levar ao entendimento geral da comunidade a celebração que todos os anos acontece em Três Corações, localizada no sul de Minas Gerais.

O registro das atividades das Folias começou no dia vinte e cinco de dezembro, quando munida apenas com uma câmera fotográfica, a equipe conseguiu captar imagens de grande beleza. A jornada das Companhias de Reis foi acompanhada durante sete dias ininterruptos.

Todo processo todo durou cerca de cinco meses de muito trabalho, incluindo neste prazo as filmagens, os processos de edição, de geração de legendas, de pesquisas bibliográficas e fontes vivas de informações. Ao ser concluída a produção do documentário “Terra de Reis”, passou-se a etapa de exibição, sendo que os primeiros expectadores foram, com todo o direito, os integrantes das Companhias de Reis. O filme foi exibido em locais “importantes” de Três Corações, tais como a Câmara dos Vereadores, Viraminas³⁴ e no Cine Arte Café.

A equipe foi formada por cinco pessoas, Patrick Moisés - direção, Danisa Chaves - pesquisa, Ricardo Canabrava - direção de arte, Márcia - produção e Montovani - edição. Esta equipe comeu da mesma comida, tomou da mesma água e, atrevo-me a dizer, sentiu as mesmas emoções. Desta maneira, de simples devotos artísticos, o grupo passou a ser também de devotos religiosos, que fez promessas, ajoelhou-se diante do presépio, sempre caminhando com Reis. Os envolvidos no projeto choraram ao ouvir as histórias milagrosas contadas por foliões e pessoas de fé. Sendo fé, a mais forte das palavras aqui empregadas, uma vez que ela é a mola propulsora de todos os acontecimentos folclóricos realizados e, é pela fé que a cultura popular, no contexto tratado/retratado neste trabalho, se manifesta todos os anos em nossa cidade. E ao caminhar junto com todas estas folias foi possível descobrir como é bom fazer parte do “povo” como é bom ser do “povo”.

E assim, junto aos Três Reis e para os Três Reis, através deste Documentário, pôde-se mostrar, do fundo dos Três Corações de cada um dos integrantes da equipe, toda a devoção, a fé e o respeito pela identidade cultural de nossa comunidade. Ao Menino Jesus, aos Reis

Magos e principalmente aos que em nome deles realizam e “representam toda esta beleza”, a eterna gratidão e a eterna reverência daqueles que produziram esta peça cultural.

³⁴ ONG- que se dedica a cultura na cidade de Três Corações.

ANEXOS

Terra de Reis: tradição e modernidade em Três Corações/MG

Emanuel José dos Santos³⁵

Não é possível entender um povo ou cultura se deixarmos de lado as imagens que os mesmos produzem. As imagens refletem olhares, formas de ver o mundo, plurais e miscíveis às experiências posteriores. As imagens permitem-nos uma aproximação muito mais precisa do ideal de uma população, de uma nação, de um grupo. As imagens são mais fortes que as tradições que as propõem. Após a veiculação de uma imagem, é praticamente impossível supor a repercussão que a mesma terá entre os observadores. A imagem transcende a intenção do criador, é independente do mesmo, ainda que se mantenha conectada ao mesmo.

Não temos referências conclusivas à existência dos Reis Magos, exceto o relato do Evangelista Matheus³⁶. Todas as demais conjecturas – serem ou não três (o vocábulo está no plural, mas não há nenhuma afirmativa no Evangelho que aponte para serem três³⁷), a realeza a que pertenceriam a natureza de sua magia (afinal de contas, não é inocente o termo “magos”³⁸) – não são passíveis de serem provadas de forma cartesiana.

Esse fato não se mostrou problemático para o Cristianismo, religião naturalmente mística e escatológica. Temos como exemplo exemplar a figura de Elias, patrono da Ordem Carmelita e inspirador de seu carisma, que, assim como Moisés, e de forma muito apropriada, foi relacionada como *umbra futurorum* de Jesus. Sua vivência no deserto, sua inspiração pelo Espírito de Deus no episódio contra os sacerdotes de Baal, sua ascensão aos céus, a transmissão oral de seus ensinamentos a um discípulo, seu retorno na transfiguração do Cristo³⁹. Nessa relação entre passado e futuro, onde o Antigo Testamento é a promessa do Novo, e onde o Novo Testamento justifica as promessas do Antigo, *afigura*⁴⁰ – de linguagem, imagética – tem papel fundamental na catequese e na justificativa da presença, por vezes impositiva, do cristianismo em outras terras.

³⁵ Historiador pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), técnico em conservação e restauração de bens culturais pela Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP).

³⁶ Fonte: <http://super.abril.com.br/religiao/quem-foram-reis-magos-442585.shtml>. Acesso em 04 de setembro de 2011.

³⁷ Cf. Mt 2, 1.

³⁸ Supõe-se serem astrólogos, num momento em que a astronomia e a astrologia – o estudo dos astros e o estudo das *influências* dos astros – ainda se viam imbricados em uma mesma disciplina.

³⁹ Cf. SANTOS, Emanuel José dos. *A azulejaria da capela-mor da Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto*. Monografia apresentada para a obtenção do título de bacharel em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana: 2010.

⁴⁰ Cf. AUERBACH, Erich. *Figura*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.

A iconografia concernente aos Reis Magos, nesse contexto, assumirá uma característica interessante: representará o reconhecimento da humanidade presente neste mundo à divindade do Filho de Deus. A solução iconográfica obtida foi relacionar cada um dos Reis a uma etnia⁴¹ diferente: amarela (asiática), branca (européia), negra (africana). Na relação dialética AT e NT, teríamos os três filhos de Noé, povoadores do mundo – Cam, povoador da África; Sem, povoador da Europa e Jafeth, povoador da Ásia – tendo sua descendência, representada pelos Reis Magos, curvada ao único Senhor⁴². Segundo o Evangelista, “Jesus é o Messias que realiza todas as promessas feitas no Antigo Testamento”⁴³.

Não apenas se curvam para adorá-Lo, como também lhe ofertam presentes. Ouro, indicando a realeza d’Aquele cujo Reino não é deste mundo; incenso, apontando para a Divindade que habita o Corpo; e mirra, representando a mortalidade d’Aquele que em essência é imortal.

O relato bíblico é incluído na celebração anual do ritual católico – EPIPHANIA DOMINI – sendo inclusive tema de ilustrações que permeiam os missais que chegam a Minas Gerais, inspirando os mecenas em suas encomendas de ornamentações para as capelas e igrejas locais⁴⁴.

Gravuras consideradas belas pelos que as viam nos missais deveriam servir de modelos para artistas contratados para ornamentar as construções. Era uma forma do comitente (seja ele uma irmandade, ordem, a Igreja ou um particular) de mostrar *bom gosto, impressionar os expectadores* acostumados a admirar aquelas imagens em pequenas dimensões e de se *manter atualizado* frente às ‘modas’ vindas da Europa. (...) Isto ajuda a explicar o processo psicológico de aceitação dos missais como modelos para os artistas - o interesse dos comitentes naquela obra específica.⁴⁵

⁴¹ Poderíamos, nesse contexto, utilizarmos o conceito de “raça”. Contudo, preferimos utilizar “etnia” em função das imbricações do termo. Etnia corresponde a um “grupo de famílias em uma área geográfica variável, cuja unidade repousa na estrutura familiar, econômica e social comum, e na cultura comum”, sendo, portanto, um termo mais adequado à perspectiva inter-relacional proposta pelo Cristianismo. Fonte: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Etnia>. Acesso em 04 de setembro de 2011.

⁴² É importante ressaltar que a alegoria que correlaciona os filhos de Noé aos povos do mundo é anterior ao contato com as Américas. A descoberta de uma quarta etnia – “vermelha” – provoca diversas discussões sobre o papel do indígena no processo escatológico proposto pelo Cristianismo.

⁴³ “Introdução ao Evangelho de São Mateus” in BIBLIA Sagrada. Traduzida em português da Vulgata Latina por Pe. Antônio Pereira de Figueredo. São Paulo: DCL, 2008, p. 938.

⁴⁴ Cf. BOHRER, Alex Fernandes. “Mecenato e Fontes Iconográficas na Pintura Colonial Mineira. Ataíde e o Missal 34”. In.: *Anais do XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, Belo Horizonte, 2004. Cito, em especial, a reprodução da imagem EPIPHANIA DOMINI, correspondente à adoração dos Reis Magos, na ilharga correspondente ao Evangelho da Capela de Bom Jesus do Matosinhos, Serro/MG, que tive a oportunidade de conhecer in loco.*

⁴⁵ Cf. BOHRER, opcit, p. 6.

E nas mesmas Minas, relacionando passado e presente, tradição e modernidade, em relações de escala que partem do cristianismo global contra-reformista para a devoção popular contemporânea localizada no município de Três Corações, temos o vídeo-documentário *Terra de Reis* como registro local de um acontecimento global.

Fé, tradição e religiosidade coexistem no cerimonial dedicado aos Santos Reis. Musicalidade⁴⁶ apresentada em canto e dança, poesia, a forma de se vestir e de se mascarar, as comidas e bebidas ofertadas aos participantes, a poesia, tendo como elemento axial a religiosidade popular.

A bandeira transcende o status de estandarte e assume o status de ícone – frasco material de um contato religioso direto, sem intermediários, com a Presença de uma alteridade superior, aqui representada pelos Santos Reis. E sua função taumatúrgica se apresenta na bênção de sua presença levando conforto aos doentes, bênçãos aos vivos e mortos, unindo os antepassados aos contemporâneos no louvor e piedade cristã.

A relação escatológica, relacionada diretamente à perspectiva taumatúrgica apresentada anteriormente, fornece os elementos para que a tradição se mantenha. Uma grave doença, um acidente, risco de morte, problemas familiares de difícil resolução, vícios – a devoção do fiel é o início da cura, o fim do martírio. A tradição assim se perpetua, relacionando oralmente elementos para estar-se ali, estar junto. O acompanhar dos Reis não é apenas uma questão de gosto, não é apenas uma questão de desejo, mas de devoção sincera, de fé fervorosa, de pagamento de promessa. Não é apenas uma festa – estamos diante de um ritual.

Tendo chegado tão longe em uma reflexão tão profunda, em apenas uma hora de vídeo – o tempo, nesse caso, não oferece subsídios para que eu expresse o nível de profundidade desse curta-metragem – só me resta agradecer à Danisa Chaves pela pesquisa e à equipe do documentário pela elaboração. A oportunidade de vivenciar a experiência do místico imbuída na celebração da Epifania do Senhor, no contexto popular de Três Corações, foi singular e preciosa.

⁴⁶ Musicalidade ingênua, mas poderosa. Cabe-nos recordar que Inezita Barroso, doutora *Honoris Causa* em folclore e arte digital pela Universidade de Lisboa, iniciou seus estudos de cultura popular entre os *caipiras*, ouvindo causos e tocando viola entre outras festividades, em Folias de Reis. Segundo ela, “o caipira, de fato, nunca compõe para ser gravado. Ele cria por absoluta necessidade de homenagear um santo, de contar um acontecimento da vida dele, de narrar um acontecimento na vida local, de falar de seus sentimentos ou ainda dos mistérios da vida. É complexo.” Fonte: <http://www.inezitabarroso.com.br/historia.html>. Acesso em 05 de setembro de 2009.

Impressões sobre “Terra de Reis”

Com uma câmera na palma da mão, pois se trata apenas de uma máquina fotográfica digital simples, Patrick Moysés concebe com louvor a máxima cinematográfica de Glauber Rocha. O documentário, que conta com a participação intensiva, diria com a codireção de Danisa Chaves, retrata mais do que uma rotina ritualística religiosa e folclórica. É um filme que testemunha a fé e o milagre. A câmera capta a música, a dança e as cores da Folia de Reis, alternados com os depoimentos, ora intimidados, ora espontâneos, mas sempre buscando a fala que emociona, que diverte, que é do povo. Um traço que observo na concepção dos filmes do diretor é a colocação de cenas que se repetem na sequência e são retomadas ao longo do filme, marcando um ritmo e uma insistência em chamar uma atenção para o que está sendo mostrado. E, em “Terra de Reis”, também numa insistência em emocionar, acaba emocionando.

Nossa bandeira foi bem vinda,
e muita bem louvada,
a bença dos Santos Reis,
a todos será deixada,

Ao avistar nossa bandeira,
foi nos esperar lá fora,
pedimos ao Santos Reis,
que abençoa a família da senhora.

Segurando esta bandeira,
na canção presta atenção,
pois é devota dos santos Reis,
e no coração tem boa religião.

Os pastores em sua casa,
canto hino em seu louvor,
louvando aos reis magos ,
pedimos a eles que sempre proteja o senhor.

Recebeu nossa bandeira ,
com a maior das alegria,
quem abençoa todos é ,
Santos reis e nossa mãe Virgem Maria,

Santos reis guiado por uma estrela,
viajou noite e dia conforme diz a escritura,
pela fé adoraram o filho da virgem pura,
peço aos reis magos que ajude a Danisa em sua formatura,
peço aos magos do oriente que proteja e abençoa todos
que estiverem fazendo ou ouvindo esta leitura.

Anexo IV



Folia de Reis União dos Companheiros nas ruas de Três Corações- Bairro Brejinho.

Anexo V



Saida da Folia de Reis nas ruas de Três Corações.

Anexo VI



Folia de Reis na Praça Edson Arantes do Nascimento(Praça Pelé) em Homenagem ao saudoso folião Tadeu Neves.

Anexo VII



Marungos da cidade de São Bento Abade.

Anexo VIII



Marungo Odair representando um dos três Reis Magos.

Anexo IX



A entrega da promessa

Anexo X



Presépio da Igreja de Santos Reis – Bairro Cotia

Anexo XI



Chega da Folia de Reis fim da festa.

Anexo XII



Adoração dos Sábios, de Murillo (Bartolomé Esteban Perez Murillo)
(1618-1682).